



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS EM COMUNIDADES
DO ORKUT: MARCADOR CULTURAL NA
EDUCAÇÃO DE SURDOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carla Tatiana Zappe

Santa Maria, RS, Brasil

2010

ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS EM COMUNIDADES DO ORKUT: MARCADOR CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

por

Carla Tatiana Zappe

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Santa Maria, RS, Brasil

2010

Z39e

Zappe, Carla Tatiana

Escrita da língua de sinais em comunidades do Orkut :
marcador cultural na educação de surdos / Carla Tatiana Zappe. -
Santa Maria, 2010. – 69f. : il.

Orientação: Profª Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2010.

1. Educação 2. Educação Especial 3. Orkut-comunidade
virtual 4. Língua de sinais-escrita I.Título

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Carmem Elisa Magalhães Ferreira Queiroz
CRB10 / 1187

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado

**ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS EM COMUNIDADES DO ORKUT:
MARCADOR CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

elaborada por

Carla Tatiana Zappe

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Marilda Oliveira de Oliveira, Dr^a. (UFSM)



Lodenir Becker Karnopp, Dr^a. (UFRGS)

Santa Maria, 30 de abril de 2010.



deixar
comunidade
promova
denunciar abuso

fórum
enquetes
eventos
membros

ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS EM COMUNIDADES DO ORKUT: MARCADOR CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Descrição: Dissertação de Mestrado

Idioma: Português (Brasil)

Categoria: Ensino Superior

Dono: [CARLA TATIANA ZAPPE](#)

Local: Programa de Pós-Graduação - Universidade Federal de Santa
Maria

Defesa: 30 de abril de 2010

membros



Márcia



Marilda



Lodenir



Alcione

***Dedico este trabalho aos meus pais,
com amor e carinho.***

AGRADECIMENTOS

Agradecer é preciso. Chegou o instante em que se faz necessário registrar o meu agradecimento a algumas pessoas essenciais para que este momento fosse possível – aliás, mais que um momento, uma produção que hoje é atual, amanhã talvez não. O que se sabe é que foi algo produtivo e hoje culmina em uma etapa vencida.

Agradeço a Deus, responsável por nós e por tudo. Sem sua força, nada seria possível.

Aos meus pais, pois só foi possível percorrer esta trajetória com o apoio e incentivo deles, muitas vezes sem que soubessem o que se passa no espaço acadêmico, porém, dispostos a aprender e entender a tão tumultuada vida de uma mestrand.

Agradeço ao meu pai pela força, por me fazer querer sempre mais. Agradeço à minha mãe, que acompanhou minhas insônias e os momentos de nervosismo e que sempre com uma palavra de conforto estava lá ao meu lado, incentivando-me a continuar a percorrer este caminho. Estendo meu agradecimento também aos meus irmãos, que, de uma maneira ou de outra, se fizeram presentes ao longo desta trajetória. Enfim, agradeço à minha família, que aprendi a amar – como diz meu pai, “minha primeira paixão”. A ela, muito obrigada pelo respeito por meu trabalho.

Agradeço à minha “ori” (Márcia Lise Lunardi-Lazzarin), que foi muito presente e importante no decorrer de todo o processo. Ela se fez presente com sabedoria em todos os momentos, fossem eles complexos ou não. Márcia é um exemplo de educadora. Foi uma honra e um privilégio ter sido sua orientanda. A ela, meu muito obrigado por tudo, de coração.

Às amigas únicas e insubstituíveis, o meu obrigado. Seria tolo de minha parte nomeá-las aqui, pois estão no meu coração, cada uma com sua marca e forma. A elas, meu agradecimento, principalmente pela paciência.

Ao GIPES- UFSM, espaço de muita aprendizagem.

Muito obrigada às professoras Marilda, Lodenir e Alcione pela disponibilidade e confiança de se fazerem presentes neste trabalho.

Ao PPGE\UFSM, em especial à coordenação, e à Ana e à Beth, pela disponibilidade e atenção de sempre.

À Capes, pelo incentivo financeiro para dedicar-me a esta pesquisa.

Muito obrigada!

“é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada lhe o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2002,p.25).

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS EM COMUNIDADES DO ORKUT: MARCADOR CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

AUTORA: CARLA TATIANA ZAPPE

ORIENTADORA: MÁRCIA LISE LUNARDI-LAZZARIN

Data e local de defesa: Santa Maria, 30 de abril de 2010.

Este trabalho inscreve-se no campo dos Estudos Culturais em Educação, articulado com as questões teóricas dos Estudos Surdos. Teve por objetivo investigar o movimento acerca da Escrita da Língua de Sinais legitimada na Educação de Surdos em fóruns de discussão em comunidades da rede virtual Orkut. Tal interesse instigou-me a conhecer e pesquisar sobre a Escrita da Língua de Sinais, levando-me a observar os discursos produzidos nas comunidades do Orkut como práticas discursivas, em que as palavras têm força e produzem significados. Olhei para as seguintes questões: qual a necessidade de traduzir a Língua de Sinais para a sua forma escrita? A Escrita da Língua de Sinais pode ser entendida como tradução cultural surda? Como pensar na Escrita da Língua de Sinais como marca cultural surda e como formação identitária surda? Com essas questões norteadoras, delineou-se um caminho metodológico para contemplar essa temática, e a pesquisa focalizou as produções discursivas acerca da Escrita da Língua de Sinais. Encontrei, na rede virtual Orkut, três comunidades que tratavam sobre a Escrita da Língua de Sinais. Também criei, no decorrer da pesquisa, uma comunidade chamada de “Escrita da Língua de Sinais”, a fim de fomentar as discussões. Foram lançados questionamentos com o intuito de observar qual seria o movimento dos membros de cada comunidade. Percebi que, num primeiro questionamento, apareceram algumas manifestações, no entanto, poucas diante do que eu esperava. Acreditava que um maior número de comentários seria mais rico. Tal situação levou-me a perceber que a materialidade discursiva dos fóruns é interessante de ser analisada, independentemente da quantidade. De forma inesperada pela “participação” nas comunidades, focalizei meu estudo na comunidade que apresentava o maior número de fóruns e, conseqüentemente, de membros ativos participantes. Nas narrativas encontradas, ficaram salientes as discussões sobre ensino e aprendizagem da Escrita da Língua de Sinais, o que categorizei juntamente com a ideia de “entre-lugar”. Nos interstícios do estudo, encontrei algumas de minhas questões de pesquisa. O sentido de escrever a Língua de Sinais é entendido como marca cultural surda para além das questões de ensino e aprendizagem que saltam aos olhos. Foram encontradas evidências de marcadores culturais em que os discursos produziam discussões sobre como aprender e sobre sua importância para além das questões metodológicas – a importância de pertencer à cultura surda, potencializando a diferença de ser surdo.

Palavras-chave: Escrita da Língua de Sinais; Tradução Cultural; Orkut; Comunidade e Surdez.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Post-Graduation Program in Education
Federal University of Santa Maria

Sign Writing in Orkut Communities: a Cultural Marker in Deaf Education

This work is situated in the field of Cultural Studies in Education, and articulated with theoretical issues from Deaf Studies. It aims at investigating the movement towards Sign Writing in Deaf Education through discussion forums in Orkut communities. Such interest caused me to know and research about Sign Writing, leading me to observe discourses produced in Orkut communities as discursive practices in which words have power and produce meanings. I have considered the following issues: Is it necessary to translate Sign Language into its written form? Can Sign Writing be understood as a deaf cultural translation? How can we think of Sign Writing as a deaf cultural mark as well as a deaf identity formation? From these guiding questions, a methodological path has been delineated in order to approach the theme, and the research has focused on discursive productions about Sign Writing. Three communities dealing with Sign Writing have been found in Orkut. I myself have designed a community called “Escrita da Língua de Sinais” along the research, aiming at fostering discussions. Questions have been formulated so as to observe the movement of members belonging to each community. A few manifestations have been noticed as a response to the first questioning, but less than expected. I supposed that a larger number of comments would be richer. Such situation led me to perceive that the discursive materiality of forums is interesting to be analyzed, regardless its quantity. As the low participation in the communities was unexpected, I have focused my study on the community that presented the largest number of forums and, consequently, of active members. In the narratives found, discussions about teaching and learning Sign Writing have been highlighted, which I have categorized together with the idea of ‘in-between’. In the interstices of this study, I have found some of my research questions. The meaning of writing Sign Language has been understood as a deaf cultural mark that goes beyond noticeable issues related to teaching and learning. I have found evidences of cultural markers in which discourses produce discussions about learning and its importance, going beyond methodological issues – the importance of belonging to deaf culture, thus strengthening the difference of being deaf.

Key Words: Sign Writing; Cultural Translation; Orkut and Community.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.L.S. – Escrita da Língua de Sinais

S.W. – SignWriting

L.S. – Língua de Sinais

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1. O CAMINHO PERCORRIDO: RELATO DE UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA E O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	22
1.1 Orkut: o lócus da pesquisa.....	24
1.2 Comunidades do Orkut: o artefato cultural.....	26
1.3 As Comunidades da Escrita da Língua de Sinais: o campo empírico.....	28
1.4 O cenário da Educação de Surdos.....	36
CAPÍTULO 2. ESCRITA DE SINAIS: MARCA CULTURAL SURDA.....	40
2.1 Emergência do SignWriting.....	41
2.2 Pedagogia Cultural Surda e Orkut.....	53
CAPÍTULO 3. ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS - ESPAÇO DE TRADUÇÃO CULTURAL.....	55
3.1 “Entre-lugar” - “aprendizagem”.....	56
NOTAS PARA CONTINUAR A PENSAR NA FRONTEIRA.....	61
REFERÊNCIAS	64

APRESENTAÇÃO

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo (Foucault).

Escrevo este ensaio para contar um pouco de minha história. Chamo-o de “recorte”, pois nossa trajetória (vida) é feita de caminhos e descaminhos. Sou atravessada por linhas que marcam a minha constituição e me direcionam à produção do conhecimento na Educação de Surdos.

Pensando a minha inserção no campo de Educação de Surdos, posso dizer que se deu na escolha do curso para prestar vestibular, quando optei por Educação Especial, Habilitação Deficientes da Audiocomunicação, na Universidade Federal de Santa Maria. O que me levou a essa escolha profissional foi o interesse, a curiosidade pela Língua de Sinais. Não quero dizer que Educação de Surdos seja só isso – talvez tenha me parecido assim no primeiro momento, mas, com a inserção nessa área, fui me dando conta de que existem outras questões, como: identidade, cultura e comunidade. Um dos pontos interessantes de meu percurso no campo da educação de surdos foi o enredamento que essas questões estabeleciam com o conceito de poder. Passei a perceber que, para falar de cultura, comunidade e identidade surda, era preciso entendê-las a partir das relações de poder. Esse conceito, cunhado por Foucault, ajudou-me a compreender o poder como algo produtivo que se dá no jogo, nas relações, e que por isso é microfísico, emana de todo lugar.

Penso que, neste momento de produção, eu possa apresentar o porquê de estar e desejar permanecer na área da surdez, mas sem esquecer que as representações que vou construindo acerca desse campo de estudo se modificam à medida que estudo e me relaciono com os sujeitos surdos, pois são estes que podem com legitimidade narrar sua educação. Portanto, é enredada nessas tramas que faço dos meus “recortes” de pesquisa, quem sabe, uma colcha de retalhos – algo que é tramado por diferentes acontecimentos de minha história, como, por exemplo, um trabalho final de curso e, agora a dissertação. Pensando em como cheguei aqui, passo a narrar alguns fatos, que ficam mais claros à medida que me organizo nesta escrita.

Quando realizei a prática no final do curso, tive a oportunidade de desenvolver meu estágio em uma Escola de Surdos. Naquela ocasião, pude

perceber como era notável, na aula de SignWriting (SW),¹ a facilidade e o interesse que os alunos demonstravam para escrever e se expressar através da Língua de Sinais. Observações como essa começaram a chamar a minha atenção para a presença da língua de sinais escrita na Educação de Surdos.

Muitas discussões acerca da escrita de sinais têm tomado a vitrine no cenário da educação de surdos, no sentido da importância de seu aprendizado no processo educacional das pessoas surdas. A partir deste momento, passo a narrar este fato como uma “verdade”, mesmo que momentânea e, claro, questionável.

Com a escolha da temática da Escrita da Língua de Sinais (E.L.S.)², fui em busca de onde pesquisar este tema, e foi na imersão em alguns espaços onde essa escrita tem certa visibilidade que me deparei com as comunidades do Orkut. Nesse ambiente virtual, encontrei comunidades que tratavam do S.W, abordando tópicos para discussão. Penso que esse ambiente é interessante como lócus de pesquisa, já que se constitui como um espaço “livre” e rico em narrativas, portanto, produtivo para análise. Através desse espaço não-formal, tenho a intenção de buscar outros espaços, digamos, “não-pedagogizados”, onde a Escrita da Língua de Sinais se constitui numa prática discursiva. Isso significa dizer que os discursos sobre a escrita da língua de sinais se articulam de um determinado modo, produzindo efeitos; em outras palavras, trata-se de tomar essa escrita como produtora de um conjunto de saberes acerca da educação dos surdos. O discurso é a linguagem em prática, esta em constante transformação; um mesmo discurso pode ter diferentes significados, dependendo de quem narra, ou seja, quem o faz tem o poder. A prática discursiva reflete de maneira inerente e até subjetiva o pensar e agir de quem a pratica. Nesse sentido, interessa-me analisar os fóruns de discussão das comunidades acerca das produções discursivas da escrita de sinais que se faz presente no campo da Educação de Surdos.

A maioria dos estudos realizados no campo educacional esteve por muito tempo voltado para a instituição escolar como espaço privilegiado de operacionalização da pedagogia e do currículo. Hoje, entretanto, torna-se imprescindível voltar a atenção para outros

¹O SignWriting é um sistema de escrita desenvolvido para escrever língua de sinais. Ressalto a utilização desse termo inicialmente, pois era a denominação mais utilizada na época; hoje opto por fazer referência à Escrita da Língua de Sinais (E.L.S), expressão inserida na cultura surda em nosso país.

² Utilizo iniciais maiúsculas para Escrita da Língua de Sinais partindo da suposição de que ela já tem lugar na Educação de Surdos.

espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes, e a mídia é apenas um desses exemplos (SABAT, 2001, p.9).

Considero esse lócus interessante para a pesquisa, pois os enunciados são muito ricos, por exemplo: há questionamentos sobre como é importante aprender a S.W, como no caso de pessoas que registram em sua pele a tatuagem de seu nome na escrita de sinais.

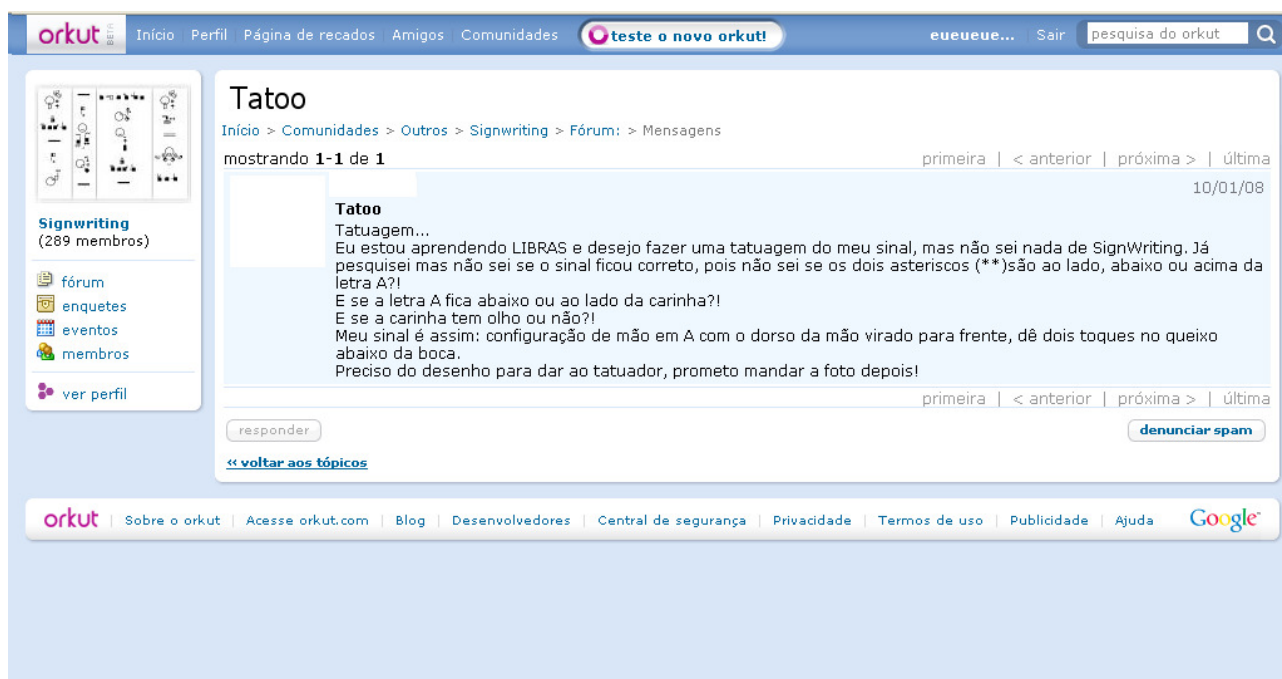


Figura 1 – Tópico de discussão Tatoo/tatuagem

O Orkut é uma rede social virtual de amigos mundialmente conhecida, com a possibilidade de trocas de mensagens, fotos, vídeos. Assim, facilmente conhecemos pessoas que compartilham opiniões semelhantes, com hobbies em comum. Podemos permitir ou não a interação, já que é necessário um aceite para ser amigo ou participar de uma comunidade quando ela não é pública. Inclusive, para a obtenção de informações, existe o “perfil”, onde fazemos um relato breve de quem somos nós, o que desejamos e fazemos, com muitas outras informações de caráter pessoal e profissional.

No momento, o que me parece oportuno é visualizar a escrita de sinais no sentido da tradução cultural, o que explorarei no Capítulo 4, e o movimento da inserção da escrita de sinais no espaço Orkut. Isso rende discussões pertinentes a

partir do momento em que promove encontros e desencontros discursivos sobre essa temática, caracterizando-se como materialidade investigativa. É a partir dos discursos produzidos pelas comunidades da Escrita da Língua de Sinais que pretendo marcar esse “entre-lugar”, de uma Língua viso-gestual (LIBRAS) para a modalidade escrita, que não é a segunda língua, como costumamos ver na Educação de Surdos, como é o caso do português nesse contexto. Aqui falamos em outra ordem, produzida a partir da tradução dos sinais para a modalidade escrita, pois essa escrita é colada à Língua de Sinais, ou seja, ela é a sua forma escrita.

Acredito na necessidade de dizer que este trabalho, por mais que envolva as discussões acerca da língua dos surdos, sendo ela escrita ou não, não é um trabalho da área da linguística. O meu caminho será pelo campo dos Estudos Culturais, onde os Estudos Surdos se inscrevem.

É extremamente difícil definir os “Estudos Culturais” com qualquer grau de exatidão. Não é possível fazer demarcações e dizer que esta ou aquela seja sua esfera de atuação. Tampouco é possível indicar uma teoria ou metodologia unificada que seja característica deles ou para eles. Um verdadeiro amontoado de idéias, métodos e temáticas da crítica literária, da sociologia, da história, dos estudos da mídia, etc. são reunidos sob o rótulo conveniente de estudos culturais (SPARKS, 1977, apud Costa, 2004,p.14).

Penso nas representações do movimento da Escrita da Língua de Sinais como uma possibilidade de movimento de expressão cultural e revitalização da cultura surda. Segundo Skliar (1998, p. 5),

os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

Sendo assim, o foco deste estudo está na diferença cultural na Educação de Surdos, e não mais no discurso da falta, que nos levava a falar em deficientes auditivos.

Gostaria de “marcar”, neste momento, após algumas discussões que tive com alguns surdos a respeito deste estudo³, que esta pesquisa não visa a tecer um juízo de valor acerca da Escrita da Língua de Sinais, no sentido de ser mais pertencente à cultura surda aquele surdo que utiliza a escrita de sinais ou de ser positivo ou negativo aprender a E.L.S. Compreendo a resistência a respeito desse tema, principalmente porque se acionam os dispositivos de controle e o jogo das relações de poder a respeito da língua; no entanto, como mencionei acima, esse não é o foco da pesquisa. Stumpf (2002, p.69-70) fala sobre essa resistência:

Em Caxias do Sul, houve o ‘I Seminário Nacional: Surdos: um olhar sobre as práticas em educação’. Nele desenvolvemos uma oficina de escrita de língua de sinais e percebi, dentre as pessoas surdas que participavam, diferenças de aceitação do SignWriting que podem ser associadas, entre outras coisas, ao conhecimento maior ou menor do português e da língua de sinais. Surdos que escrevem bem em português e são mais oralistas mostram muita resistência ao SignWriting. Perguntam para que serve. Reclamam que é difícil. Questionam quem inventou. Surdos que são fluentes em língua de sinais fazem perguntas para aprofundar detalhes dos símbolos dos sinais correspondentes à configuração das mãos. Aparecem também idéias diferentes, pois cada um está mais preocupado em expressar seu pensamento do que em acertar a palavra como acontece quando escrevemos em português.

A partir da ideia de Hall (1997) de que cultura é dar sentido, faço relações da Escrita de Sinais com a cultura surda, pois a Escrita de Sinais é produzida no cenário da Educação de Surdos. Dessa maneira, já estou partindo do pressuposto de que ela tem lugar, inclusive, porque está presente em currículos e nas comunidades na rede virtual para tratar dessa temática. Creio que é importante frisar que a ideia de sua existência não significa que ela tem o seu lugar no sentido de consenso; muito pelo contrário, essa temática está em um campo de conflito, permeado por relações de poder. Isso envolve tanto questões de quem pode ensiná-la, de quem sabe e como a aprendeu, quanto no sentido de marcar a diferença e a forma de resistir a uma cultura ouvintista.

As representações construídas sobre a surdez e os surdos interferem e influenciam no modo como os surdos se percebem e como são narrados pelos

³ Essas discussões ocorreram em seminários, eventos, particularmente, nos Fóruns Estaduais de Educação de Surdos promovidos pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES).

outros. Essas representações são produzidas nas práticas discursivas, as quais só podem ser entendidas no jogo das relações do poder. Isso me permite, a partir de fóruns de discussão do Orkut, analisar o movimento acerca da Escrita da Língua de Sinais legitimada na Educação de Surdos.

A cultura está imbricada indissoluvelmente com relações de poder, derivam dessas relações de poder a significação do que é relevante culturalmente para cada grupo. Isso significa, então, uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos do poder (VEIGA-NETO, 2004, p.40).

**CAPÍTULO 1. O CAMINHO PERCORRIDO: RELATO DE UMA
TRAJETÓRIA DE PESQUISA E O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE
SURDOS**

Definida a temática da minha pesquisa, a Escrita da Língua de Sinais, foi necessário pensar em como “materializar” este estudo. Ao conversar com uma pesquisadora surda que trata com propriedade dessa temática, principalmente no que diz respeito às questões de ensino e aprendizagem da Escrita da Língua de Sinais, surgiu a ideia de utilizar um espaço muito frequentado por surdos, onde a temática é tratada: as comunidades da Escrita da Língua de Sinais no Orkut.

Cabe ressaltar que existem muitas críticas sobre a utilização dessa mídia. Os brasileiros são uns dos maiores adeptos do Orkut. Como coloca Silveira (2006), o Orkut é uma espécie de “coqueluche”, sendo muitas vezes criticado pelo mau uso que muitos fazem da rede midiática, como também por não promover o exercício da hipercrítica ⁴. Silveira (2006, p. 138-139) entende o Orkut

nem como espelho, nem como desvio, como um caos à parte, reduto de “degenerados”, mas como atravessado pelos discursos, imagens, padrões, gostos, sonhos e vontades dos sujeitos das comunidades urbanas contemporâneas. Não o vejo como um mundo à parte, pleno de identidades fictícias, de Ets criados com outra matéria que não a nossa; não é uma comunidade de “desviantes”, de simples “desocupados”, mas é, de certa maneira, um território para as subjetividades se enquadrarem, se conformarem com dadas regras (e nem falo das normas escritas, mas das que lá vão se delineando pelo próprio uso), para as identidades se exibirem, se colocarem numa vitrine, enfim, se reinventarem. Entendo que o Orkut, seu tipo de organização e as formas recorrentes com que as identidades ali se perfilam e se exibem, está fundamente enraizado nos valores - por um lado tradicionais, sim, e por outro, emergentes, presentes nas sociedades contemporâneas do consumo, da efemeridade, da liquidez.

Concordando com a autora e definindo o Orkut como lócus da pesquisa, passei a observar os discursos ali produzidos acerca da temática escolhida. Entendo os discursos como práticas discursivas, em que as palavras têm força e produzem significados. Dessa maneira, olho atenta para as seguintes questões: qual a necessidade de traduzir a Língua de Sinais para a sua forma escrita? A Escrita da Língua de Sinais pode ser entendida como tradução cultural surda? Como pensar na

⁴ A hipercrítica: ao dispensar aquelas metanarrativas e ao assumir o caráter discursivo da realidade, a crítica pós-estruturalista coloca tudo “sob suspeita”, submetendo até ela mesma ao constante escrutínio daquilo que se diz e pensa; assim sendo, trata-se de uma hipercrítica que amplia e realiza a ação política. Disso resultam consequências epistemológicas e pedagógicas importantes que podem contribuir para novos entendimentos sobre nossas práticas educacionais em sala de aula, sem o que será mais difícil, senão impossível, alterá-las no sentido de torná-las mais justas e produtivas (VEIGA- NETO, 1996, p. 161).

Escrita da Língua de Sinais como marca cultural surda e como formação identitária surda?

Tendo essas questões norteando a pesquisa, com foco centrado na Escrita de Sinais, delimitou-se o caminho metodológico que passo a descrever a partir de agora.

1.1 Orkut: o lócus da pesquisa

Pesquisar as produções discursivas da Escrita de Sinais que se fazem presentes no campo da Educação de Surdos levou-me a delinear um caminho metodológico que contemplasse essa problemática. Na busca por onde e como pesquisar este tema, deparei-me com diferentes comunidades sobre a Língua Escrita de Sinais no Orkut. Esse achado despertou meu interesse, levando-me a direcionar o foco de minha pesquisa para esse espaço de relacionamentos.

As comunidades sobre a Escrita da Língua de Sinais, seja esta chamada pela primeira forma, conhecida no âmbito internacional como SignWriting, ou pela expressão nacional (Escrita da Língua de Sinais), ambas existentes na rede virtual Orkut, foram o meu espaço investigativo para a realização desta pesquisa. Esse é um lócus que possui um incrível número de usuários na rede virtual e, especificamente, é muito utilizado por surdos, pois é um ambiente com recursos visuais que contempla a comunicação desses sujeitos.

Podemos pensar que o Orkut faz parte da cultura da maioria dos internautas, uma vez que estes acessam e interagem diariamente nesse ambiente. O *site*, que foi criado no ano de 2004, institui-se de tal maneira em nosso cotidiano que nem parece que ele alguma vez não existiu, de tão diluído que está em nossa sociedade.

O sociólogo Zygmunt Bauman utiliza a metáfora da liquefação para compreender e expressar as transformações sociais. Neste caso, posso pensar que o Orkut se constitui num espaço líquido, como propõe Bauman ao falar dos tempos pós-modernos. O espaço Orkut é fluído, capaz de adaptar-se no sentido da variedade de assuntos que podemos encontrar em diversas comunidades da rede virtual, sem falar dos diferentes significados que ele pode ter, conforme a relação social que se estabelece com esse espaço virtual. Ao pensarmos nos avanços

tecnológicos, na velocidade das mudanças, percebemos uma fluidez – “como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2001, p.14).

Quando me proponho a “utilizar” o Orkut neste contexto investigativo, de forma alguma parto do pressuposto de que todos o conhecem, mas é impossível não falar que é um fenômeno cultural e, quem sabe, não pensar, como Hall nos fala, em “Revolução Cultural”. Estamos vivendo hoje uma verdadeira “revolução cultural”, porque cada vez mais se tornam fundamentais aquelas atividades relacionadas à expressão ou à comunicação de sentidos, à produção de significados (FISCHER, 2006).

Penso que a adesão à rede de relacionamento Orkut se dá por vários motivos: pela diversidade de assuntos que encontramos em comunidades, como se evidencia na escolha referente ao meu estudo, ou seja, as comunidades sobre a Escrita da Língua de Sinais; pela possibilidade de manter contatos com amigos distantes ou não, seja por recados, fotos ou publicação de vídeos; pelos depoimentos em que podemos expressar nossos sentimentos e conhecer ainda mais outras pessoas. Talvez, como diz Bauman (2004, p.8), “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” sejam o que este ambiente virtual “busca esclarecer, registrar e apreender”. Trata-se de uma ferramenta diversa, com a possibilidade de verificar atualizações de todos os amigos no sentido amplo, já que se podem visualizar na rede tanto aspectos pessoais quanto profissionais.

O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. O serviço foi designado para ajudar os usuários a encontrar novos amigos e manter as amizades já existentes. O alvo inicial do Orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários são do Brasil e da Índia. No Brasil é a rede social com maior participação de brasileiros, com mais de 23 milhões de usuários e o site mais visitado. Na Índia é o segundo mais visitado. Desde outubro de 2006, o Orkut permite que os usuários criem contas sem necessidade de um convite. Originalmente a sede do Orkut era na Califórnia, mas em agosto de 2008, Google anunciou que o Orkut será operado no Brasil pelo Google Brasil. Isso foi decidido devido à grande quantidade de

usuários brasileiros e ao crescimento dos assuntos legais (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>).

A rede social representa interesses comuns, compartilha ideias, valores. Um grupo de discussão, ou uma comunidade, é composto por pessoas que possuem “identidades próximas”. A rede social na Internet possibilita a interação de forma ampla e rápida. Para ser membro do Orkut, era necessário ser convidado por um membro efetivo. O seu criador convidou seus amigos, e assim sucessivamente criou-se a rede.

E é nesse contexto, que se instituiu de maneira tão rápida em nossa cultura, que discutirei sobre a Escrita da Língua de Sinais. Cabe ressaltar que o meu foco estará direcionado para as comunidades que tratam dessa temática – comunidades essas que agrupam surdos e ouvintes que se identificam com as proposições de quem as criou.

1.2 Comunidades do Orkut: o artefato cultural

‘Comunidade’ soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes (BAUMAN, 2003, p.9).

As comunidades, na rede social Orkut, são criadas e mediadas por seus criadores, os quais podem permitir que qualquer pessoa faça parte delas, sendo elas livres, ou, quando o “dono” não deseja que a comunidade seja pública, este tem a opção de autorizar ou não a participação de outras pessoas. O criador também poderá convocar outros mediadores para a manipulação da comunidade. As comunidades são de fácil navegação, inclusive, pela proposital “falta de recursos”. Em geral, além do nome, pelo qual podemos identificar o tema de que trata a comunidade, também se pode contar com uma imagem, que geralmente fala por si só. Para a operacionalização das comunidades, existem três recursos:

Fórum: é o local da maior parte do conteúdo. Os membros discutem o assunto proposto em cada tópico e criam outros. Existe a opção de pesquisar nos tópicos do

fórum. Com isso, algumas comunidades tornaram-se um recurso para *sites* colocarem *links* para filmes, *e-books*, etc.

Enquete: é uma ferramenta para “ver” opiniões quantitativamente. Quando você cria uma enquete, pode excluir. As enquetes de outras pessoas só podem ser excluídas pelo dono e os mediadores. O sistema ainda permite que se coloquem figuras para as alternativas e que se postem comentários nas enquetes, porém apenas o dono ou mediadores da comunidade podem apagar comentários, caso os achem inconvenientes. As enquetes, ao serem formuladas, podem ter um prazo para encerramento de votos ou não.

Evento: espaço para divulgar eventos, inclusive fora da rede.

As ferramentas acima são administradas pelo dono da comunidade, que pode escolher até 10 mediadores para auxiliá-lo a “controlá-la”. O dono tem a opção de excluir a comunidade, expulsar membros, mudar a descrição, fotos, criar os tópicos do fórum, bem como deletar, etc.

Há o recurso para a privacidade, que pode restringir quem vê o fórum da comunidade, podendo-se escolher entre as opções: só os membros ou qualquer usuário da rede Orkut. Existe também um recurso em que o dono da comunidade poderá colocar notícias sobre determinado assunto na comunidade, aparecendo na página inicial.

Qualquer usuário participante da rede virtual Orkut pode criar uma comunidade sobre qualquer temática e participar de uma. Com isso, o número de comunidades torna-se grande, chegando a um total de 47.092.584 comunidades no dia 24 de março de 2008.

Brevemente, poderíamos nos perguntar de onde vem a extrema popularidade do Orkut, ao menos no Brasil, cujos internautas representam cerca de 70% dos frequentadores mundiais. Poderíamos pensar que ela é fruto da conjugação de vários elementos e de sua articulação com esses tempos de modernidade líquida, como quer Bauman: tempos de velocidade e precariedade, instabilidade e vulnerabilidade. Assim, o Orkut tem o selo da instantaneidade, que é, em grande medida, o selo da internet; não são necessários processos prolongados para entrar e sair de comunidades, trocar fotos, postar mensagens e respondê-las, etc. Também a simultaneidade com que o Orkut atinge um grande número de pessoas - característica, aliás, da mídia em geral - parece acrescentar um atrativo a mais na elaboração e reelaboração das páginas de perfis, que logo se tornam públicos para muitos ao mesmo tempo (Silveira, 2006,p.141).

1.3 As Comunidades da Escrita da Língua de Sinais: o campo empírico

Ao optar por me inserir na rede do Orkut e lá estabelecer meu campo de investigação, não tinha ideia da proporção que isso significaria na minha trajetória de pesquisa. Ao fazer essa opção, iniciei uma longa viagem, repleta de desafios. Como turista que busca conhecer e descobrir todos os lugares por onde passa, lancei-me a investigar esse universo tão conhecido e desconhecido ao mesmo tempo para mim. Utilizando a metáfora de turista, remeto-me a Bauman (1998, p.118): “turistas e vagabundos são as metáforas da vida contemporânea”. Teoricamente preparada com meus guias de bolso e estudos prévios, faltava apenas carimbar meu passaporte para legitimar minha inserção nesse espaço virtual.

A ideia inicial pareceu-me tranquila, pois acreditava que, ao me inserir nas comunidades do Orkut, encontraria todas as pistas acerca da temática de pesquisa, a Escrita da Língua de Sinais, como possível espaço de tradução cultural surda.

Os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância e veda a distância de se reduzir à proximidade (BAUMAN, 1998, p.114).

Porém, nem tudo foi tão simples assim. Para Bauman, uma comunidade é o local um tanto acolhedor, mas cheio de diferenças. E foram essas diferenças que me fizeram ver a complexidade de adentrar nesse universo para realizar meu estudo.

Comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega - todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado (BAUMAN, 2003, p.7).

Para iniciar minha pesquisa, procurei as comunidades da Escrita da Língua de Sinais em português. No período da pesquisa, encontrei três comunidades com o nome de E.L.S ou S.W, e existe a possibilidade de haver outras que abordam a temática, mas com diferentes nomes. Acreditava, num primeiro momento, que encontraria um montante de dados para eu analisar posteriormente. Porém, ao acompanhar diariamente essas comunidades, percebi que muitos eram os adeptos, mas havia poucas manifestações nos fóruns da comunidade, com exceção da Comunidade “Signwriting”, aqui denominada Comunidade 1, onde havia 16 fóruns no total.

Comunidade 1 – Signwriting



The screenshot shows the Orkut community page for 'Signwriting'. The page has a blue header with the Orkut logo and navigation links. The community name 'Signwriting' is prominently displayed, along with its description and statistics. A sidebar on the left contains various community actions like 'deixar comunidade', 'promova', and 'denunciar abuso'. The main content area features a forum section with a table of topics, including 'velha infancia - libras', 'é importante aprender o SW?', 'Símbolos SW', 'Meu texto em Signwriting', and 'o que pensam sobre a S.W?'. The right sidebar shows the number of members (293) and a link to 'ver membros'.

Signwriting
Início > Comunidades > Outros > Signwriting

descrição: Eu conheço signwriting, conhecido a escrita de língua de sinais.
idioma: **Português (Brasil)**
categoria: Outros
dono: Keli Krause
tipo: pública
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
local: Brasil
criado em: 4 de abril de 2005
membros: 293

membros (293)
[ver membros >>](#)

fórum

tópico	postagens	última postagem
☐ velha infancia - libras	1	14/03/10
☐ é importante aprender o SW?	7	24/02/10
☐ Símbolos SW	1	12/01/10
☐ Meu texto em Signwriting	1	18/10/09
☐ o que pensam sobre a S.W?	1	12/07/09

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Amigos on-line
Concluído

Figura 2 – A comunidade “Signwriting”

Comunidade 2 – SignWriting

SignWriting
Início > Comunidades > Outros > SignWriting

descrição: You gotta know a little bit about it.
idioma: **Inglês (EUA)**
categoria: Outros
dono: Vinicius F. Corrêa (Murilo)
tipo: pública
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
local: Brasil
criado em: 30 de dezembro de 2006
membros: 8

membros (8)
[ver membros >>](#)

fórum

tópico	postagens	última postagem
☐ O QUE PENSAM DA S.W?	1	28/04/09

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

orkut Sobre o orkut Acesse orkut.com Blog Desenvolvedores Central de segurança Privacidade Termos de uso Publicidade Ajuda Google

Amigos on-line
Concluído

Figura 3 – A comunidade “SignWriting”

Comunidade 3 – Escrita de Sinais – Signwriting

Escrita de Sinais-Signwriting
Início > Comunidades > Alunos e Escolas > Escrita de Sinais-Signwriting

descrição: Se você é um intérprete ou surdo, sabe LIBRAS,, gosta da Signwriting e acredita que esta escrita pode mudar a realidade dos surdos, na inclusão com a sociedade, nas escolas e no auxílio da construção da história e da cultura surda!
Pode entrar, a casa é sua!!!
Se você gosta da LIBRAS, ou tem amigos surdos.
Aqui é seu lugar também.
Afiml estamos todos juntos em um mesmo objetivo!!!!!!

idioma: **Português (Brasil)**
categoria: Alunos e Escolas
dono: Elisama Boeira
tipo: moderada
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
local: Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
criado em: 24 de fevereiro de 2009
membros: 44

membros (44)
[ver membros >>](#)

fórum

Amigos on-line
Concluído

Figura 4 – A comunidade “Escrita de Sinais – Signwriting”

Comunidade 1:

Total de membros: 293

Em 25 de março de 2010, não foram constatados enquetes e eventos.

Fóruns: 16 no total

Comunidade 2:

Total de membros: 8

Em 25 de março de 2010, não foram constatados enquetes e eventos.

Fóruns: 1 – somente há uma pergunta sem respostas.

Comunidade 3:

Total de membros: 44

Em 25 de março de 2010, não foram constatados enquetes e eventos.

Fóruns: 1 – somente há uma pergunta sem respostas.

Além das três comunidades que encontrei, também criei uma, que intitulei “Escrita da Língua de Sinais”. A iniciativa de criar uma comunidade para a pesquisa teve a intenção de fomentar as discussões e convocar alguns surdos para legitimar a produção discursiva, permitindo-me observar os discursos produzidos nesse espaço.

Comunidade 4 – Escrita da Língua de Sinais

The screenshot shows the Orkut community page for "Escrita da Língua de Sinais". The page has a blue header with the Orkut logo and navigation links. The community name is prominently displayed at the top. Below the name, there is a description, language (Português (Brasil)), category (Culturas e Comunidade), owner (C@rlotinh@ Z@ppe @), type (moderada), privacy (aberta para não-membros), content, location (Santa Maria, RS, Brasil), creation date (30 de julho de 2009), and member count (31). A sidebar on the left lists community actions like "deixar comunidade", "promova", "denunciar abuso", "fórum", "enquetes", "eventos", "membros", and "enviar mensagem". A forum section on the right lists topics with their post counts and last post dates. At the bottom, there are links for "Amigos on-line", "Acesse orkut.com", "Blog", "Desenvolvedores", "Central de segurança", "Privacidade", "Termos de uso", "Publicidade", "Ajuda", and a Google search bar.

tópico	postagens	última postagem
☐ ESCRITA DE SINAIS	1	09/02/10
☐ Tradução cultural?	1	03/02/10
☐ Marca cultural surda?	3	20/08/09

Figura 5 – A comunidade “Escrita da Língua de Sinais”

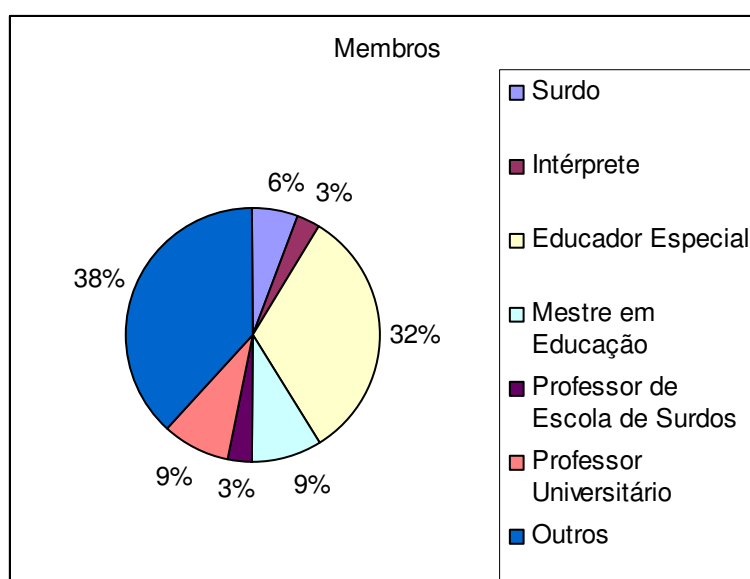
Comunidade 4:

Total de membros: 31

Em 25 de março de 2010, não foram constatados enquetes e eventos.

Fóruns: 3 no total

Ao criar a Comunidade 4, pude fazer um levantamento do perfil dos participantes que aceitaram o meu convite. Dos 31 membros que compõem a comunidade, encontrei:



Cabe ressaltar que, dos 32% que são Educadores Especiais, aproximadamente 11,63% são Mestres em Educação no campo da Educação de Surdos e 8,72% ainda fazem Mestrado em Educação. Os 38% que se enquadraram na categoria outros são pessoas sem vínculos diretos com a Educação de Surdos.

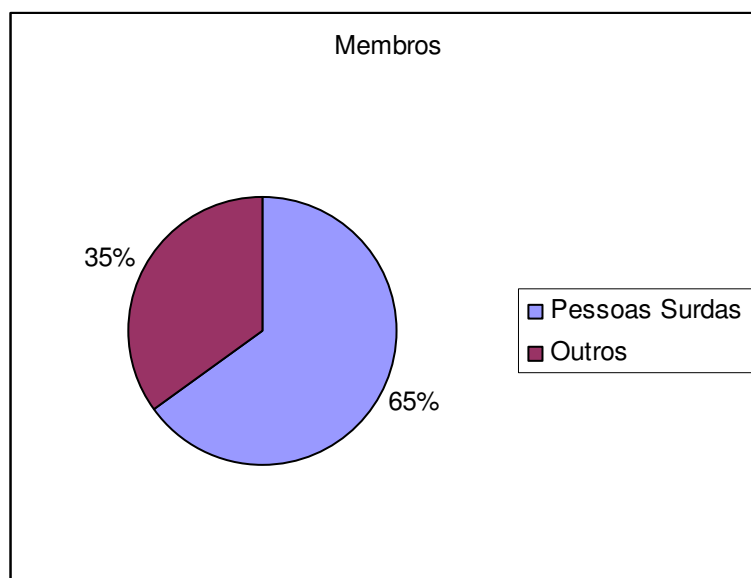
Assim, comecei a lançar questionamentos com o intuito de observar qual seria o movimento dos membros de cada comunidade. Percebi que, no primeiro questionamento que lancei, apareceram algumas manifestações, no entanto, ainda poucas diante do que eu esperava, pois acreditava que um maior número de comentários seria mais rico. Tal situação levou-me a perceber que a materialidade discursiva dos fóruns é interessante de ser analisada independentemente da quantidade. Pensava que, a partir do momento em que uma pessoa integra uma comunidade, sua participação seria ativa nos fóruns. Utilizei outros recursos da comunidade, como um envio de mensagens convocando a participação nos fóruns

de discussão, mas a impressão que tive é que os participantes aceitam o convite e fazem parte, porém não efetivamente nas discussões dos fóruns propostos.

Como fui surpreendida pela pouca participação nos tópicos que havia lançado, foi necessário mudar minha estratégia de pesquisa.

pode-se chamar de “controle situacional” [...] Ligar e desligar não deixam no mundo qualquer marca duradoura: na verdade, graças à facilidade com que as chaves funcionam o mundo (como o turista conhece) para infinitamente flexível, dócil e esboraável. É improvável manter-se qualquer configuração por muito tempo (BAUMAN, 1998, p.116).

Assim, comecei a olhar os fóruns que tinham maior participação. Direcionei meu foco então para a Comunidade 1 pelo número expressivo de membros e de tópicos de discussão lançados, já que as duas outras comunidades sobre esse tema durante o período da minha escrita ficaram, digamos, “paradas”. No momento da qualificação, a comunidade contava com 269 participantes (02/09/2009) e hoje (25/03/2010) tem 293, dos quais uma é professora e pesquisadora surda dessa temática. Isso me leva a pensar que a sua participação nessa comunidade impulsiona e dinamiza a participação dos outros membros, uma vez que ela criou tópicos de discussão.



Cabe ressaltar que, na categoria “outros”, encontram-se alunos que cursam Letras Libras, intérpretes, pessoas envolvidas com a Educação de Surdos e outros participantes sem vínculos diretos com a Educação de Surdos.

É nesse sentido que passo a analisar os discursos desses fóruns como

enunciados, questionamentos de determinados lugares sociais que levam à produção do conhecimento, destacando as regularidades e as singularidades desses discursos.

Fischer (2001, p. 198) ressalta que,

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas - práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um “discurso”.

Fórum
Início > Comunidades > Outros > Signwriting > Fórum

pesquisar este fórum: [procurar](#)

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) primeira | < anterior | próxima >

tópico	autor	postagens	última postagem
☐ velha infância - libras		1	14 mar
☐ é importante aprender o SW?		7	24 fev
☐ Símbolos SW		1	12 jan
☐ Meu texto em Signwriting		1	18/10/09
☐ o que pensam sobre a S.W?		1	12/07/09
☐		3	06/06/09
☐		1	03/08/08
☐ Tatoo		1	10/01/08
☐ Tatuagem...		0	10/01/08
☐ Pesquisa - Escrita de Sinais		1	07/04/07
☐ Signwriting uma língua materna		4	18/03/07
☐ Aula de SignWriting		7	12/03/07
☐ Softwares em SignWriting		5	28/11/06
☐ Signwriting e inclusão digital		1	13/09/06
☐ Aprender		6	13/08/06
☐ curso opcional para interpretes e instrutores		3	24/04/06

Amigos on-line

Figura 6 – legenda abaixo

- **Tópico e postagens**
- **Recorrências** (o que se repete)
- **Singularidades** (o que aparece de novo)



Figura 7 – Fórum “O que pensam da S.W?”

Os fóruns escolhidos para análise serão os que evidenciam a “tradução cultural”, ou seja, marcadores da cultura surda, questionamentos como: qual a necessidade de traduzir a Língua de Sinais para a sua forma escrita? A Escrita da Língua de Sinais pode ser entendida como tradução cultural surda? Como pensar na Escrita da Língua de Sinais como marca cultural surda e como formação identitária surda?

Busco realizar as análises e operar com os conceitos escolhidos, como tradução cultural, por exemplo, e olhar de maneira atenta, diferenciada, para aquilo que me escapa, escorrega. “Operar sobre as coisas ditas é reescrever o que se enuncia em palavras, frases, proposições, imagens, cores e movimentos” (FISCHER, 1996, p.131).

Nas narrativas de surdos e não-surdos presentes em diferentes contextos, mas especialmente nos fóruns em discussão, percebe-se uma recorrência nos discursos que tratam da Escrita da Língua de Sinais, ou seja, questões que envolvem o ensino da Escrita da Língua de Sinais. Nesse contexto, tomo o discurso do processo de ensino e aprendizagem dessa língua como uma categoria analítica deste estudo, a qual também me pareceu muito atrelada com o “entre-lugar”, outra categoria, que será detalhada no Capítulo 4.

1.4 O cenário da Educação de Surdos

No Brasil um dos acontecimentos que marca a história da educação de surdos foi a vinda do francês Edward Harnest Huet. Surdo e ex-diretor do Instituto de Surdos de Paris, recebeu o convite de D. Pedro II para fundar o Instituto de Surdos Mudos para meninos surdos do país. Edward utilizava a Língua de Sinais, marcando a criação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que era constituída por alguns sinais brasileiros e outros da Língua de Sinais Francesa. O Brasil não ficou isento da normativa da normalidade, ou seja, também sofreu os reflexos do Congresso de Milão, em que a língua oral era a norma.

A ideia de que o surdo deve falar e de que esta é a única forma de o sujeito surdo participar do mundo ficou conhecida como modelo clínico-terapêutico, que tem influência até hoje. Por esse olhar, segue-se o modelo do ouvinte, patologizando-se a surdez, que deverá ser medicada.

Medicalizar a surdez significa orientar toda a atenção à cura do problema auditivo, à correção dos defeitos da fala, ao treinamento de certas habilidades menores, como a leitura labial e a articulação, mais que à interiorização de instrumentos culturais significativos, como a Língua de Sinais. E significa também opor e dar a prioridade ao poderoso discurso da medicina frente à débil mensagem da pedagogia, explicitando que é mais importante esperar a cura medicinal encarnada nos implantes cocleares, que compensam o déficit de audição através de mecanismos psicológicos funcionalmente equivalentes (SKLIAR, 1997, p.111).

O oralismo não resolveu a questão da Educação dos Surdos; pelo contrário, foi a causa do próprio fracasso. Com o avanço das pesquisas sobre as questões da Língua de Sinais, deu-se início a outro momento na educação dos sujeitos surdos, entendido por alguns pesquisadores como modelo socioantropológico, caracterizado pelo engajamento nos movimentos surdos e pela luta por seus direitos. Essa representação abre um espaço para a discussão sobre questões de língua, cultura e identidade.

A partir desse contexto, surge outro elemento no campo da surdez: a noção de bilinguismo. Esta política linguística permite o acesso ao conhecimento para os surdos a partir das suas potencialidades, ou seja, na cultura em que vivem. Nesse novo panorama, a Língua de Sinais passa a ser considerada a primeira língua, e a

Língua Portuguesa, a segunda, que só começa a ser aprendida após o surdo dominar a primeira língua. Na experiência da pedagogia visual, o surdo não é comparado com o ouvinte, e sim com alguém que aprende de maneira diferente. Segundo Skliar (1998, p. 27-28), “a surdez é uma experiência visual, (...) isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual”.

Ao compreender os surdos como sujeitos visuais, nenhuma das narrativas habituais sobre os surdos permanece encerrada na tradição dos ouvidos incompletos e limitados. [...] Representar os surdos como sujeitos visuais, num sentido ontológico, permite reinterpretar suas tradições comunitárias como construções históricas, culturais, lingüísticas e não simplesmente como um efeito de supostos mecanismos de compensação biológicos e ou cognitivos (Skliar, 1999, p.24).

Os surdos com uma educação bilíngue têm condições de construir conhecimentos através da sua língua e da língua oficial do país. Conhecendo e utilizando a Língua de Sinais, a criança desenvolverá melhor suas potencialidades. Tendo acesso à Língua de Sinais, ela adquirirá conhecimentos sobre a realidade exterior e do mundo que a rodeia. Portanto, através do uso da língua, ela conseguirá se identificar com seus semelhantes e manter um convívio mais adequado com o mundo dos ouvintes, interagindo com seus pais e familiares.

No Brasil, a luta para oficializar a LIBRAS foi grande. Surdos de diferentes Estados e cidades reuniram-se em vários momentos em suas comunidades para discutir essa questão, visto que a língua deve respeitar as particularidades e experiências de cada grupo, de cada cultura e também sua identidade. É através da língua que estabelecemos nossas relações sociais, sendo ela um meio importante para solidificar esses vínculos. Não proporcionar ao surdo uma educação bilíngue é arriscar seu desenvolvimento e negar-lhe a possibilidade de identificar-se culturalmente com todos os indivíduos surdos.

Conforme Emmanuelle Laborit relata no livro *O Vôo da Gaivota*,

utilizo a língua dos ouvintes, minha segunda língua, para expressar minha certeza absoluta de que a língua de sinais é nossa primeira língua, a nossa, aquela que nos permite sermos seres humanos

“comunicadores”. Para dizer, também, que nada deve ser recusado aos surdos, que todas as linguagens podem ser utilizadas, sem gueto e sem ostracismo, a fim de se ter acesso à vida (LABORIT, 1994, p.9).

Não só os surdos, como também os ouvintes, possuem a sua cultura própria, por isso, não podemos falar apenas em bilinguismo, mas também em biculturalismo. Faz-se necessário que o surdo reconheça que faz parte da comunidade surda, porém discursivamente localizado na comunidade ouvinte. Para Skilar (1998, p. 7-8),

a mudança registrada nos últimos anos não é, e nem deve ser, compreendida como uma mudança metodológica dentro de um mesmo paradigma da escolarização. O que está mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e adultos ouvintes, etc. Entre as múltiplas contribuições que geraram essas mudanças, é imprescindível assinalar que a divulgação dos modelos denominados de educação bilíngüe e bicultural, e o aprofundamento teórico acerca das concepções culturais e antropológicas da surdez, se constituem como os elementos mais significativos.

Nos espaços das escolas de surdos, mesmo a surdez sendo o ponto comum que reúne os surdos, é preciso lembrar que estes não são iguais, pois vêm de diferentes meios familiares, tendo cor, situação econômica, religião, sexo, identidades diferentes. O ambiente formativo é um espaço para trocas culturais e também um dos elementos centrais na produção das identidades surdas, enfatizando que os surdos não são iguais entre si e possibilitando um campo para as diferenças.

Para que seja efetivada uma educação bilíngüe, não só os alunos, mas os professores e também a comunidade surda, intérpretes e educadores surdos, devem estar igualmente envolvidos com esta questão. O projeto bilíngüe deve autorizar a livre utilização da língua gestual-visual, em si e por si, e não apenas como instrumento temporário para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa, embora nunca possa desvalorizar esta hipótese. Esta educação bilíngüe não é uma proposta fácil e nunca poderá ser entendida apenas como uma educação de compensação para pessoas surdas, pois, como já citado, estas possuem uma cultura e uma identidade própria.

Cabe ressaltar que a Língua de Sinais não é universal; cada país possui a

sua. No caso do Brasil, temos a LIBRAS. Assim como acontece nas línguas orais, na Língua de Sinais, encontramos regionalismos, ou seja, dentro do mesmo país esta língua também varia de Estado para Estado. Diante da contextualização feita ao longo deste estudo, devemos considerar que a educação bilíngue proporciona o acesso da criança surda às mesmas condições psicolinguísticas oportunizadas às crianças ouvintes. Dessa maneira, o surdo tem a oportunidade de desenvolver suas potencialidades na sua cultura, aproximando-se também da cultura ouvinte, relacionando-se melhor no mundo em que vive. Quadros diz que,

como a língua de sinais é uma das experiências visuais mais intimamente ligadas à identificação dos grupos surdos, sempre foi e ainda é alvo de manifestação de tensão entre os grupos envolvidos manifestando a delimitação de fronteiras. Historicamente vemos que a educação de surdos esteve voltada para as questões lingüísticas. No caso do Brasil, a educação de surdos está permeada pela discussão do ensino do português (oral e/ou escrito) e o uso da língua de sinais. Obviamente que tais discussões estão contextualizadas política, cultural e socialmente (http://www.sj.ifsc.edu.br/~nepes/docs/midioteca_artigos/pratica_ensino_educacao_surdos/texto22.pdf).

Nesse contexto, as questões que envolvem uma política de educação bilíngue devem estar atentas à noção de experiência visual. Para Skliar (1998), uma experiência visual, uma identidade múltipla e multifacetada, que se constitui em uma diferença politicamente reconhecida, ainda está fortemente localizada no discurso da deficiência.

Portanto, ao pensar sobre a experiência visual dos sujeitos surdos, recorro novamente a Laborit (1994, p.7) quando diz que “não era nunca por intermédio de palavras, mas por letras visuais”, quando pensava em comunicar-se.

Tenho minha imaginação, e ela tem seus barulhos em imagens. Imagino sons em cores. Meu silêncio tem, para mim, cores, nunca é preto ou branco. Os barulhos dos que escutam são também imagens para mim, sensações. A onda que rola sobre a praia, calma e doce, é uma sensação de serenidade, de tranquilidade (Laborit, 1994, p.19).

CAPÍTULO 2. ESCRITA DE SINAIS: MARCA CULTURAL SURDA

2.1 Emergência do SignWriting

Por muito tempo, os surdos foram narrados por uma concepção de surdez ligada à Educação Especial com uma representação clínica e reabilitadora. Hoje ainda existem discursos que marcam esse modelo normatizador. Porém, para pensar na escrita de sinais como elemento marcador da cultura surda, entendo que este estudo se afasta dessa concepção de surdez e se aproxima da ideia da surdez como diferença cultural e experiência visual.

Entender a diferença surda como uma diferença cultural e admitir que a língua de sinais seja uma língua própria dos surdos é, ainda hoje, uma dificuldade em muitos espaços educativos e sociais. Essa é uma luta de idas e vindas. As conquistas não ocorrem de forma homogênea nas diferentes regiões brasileiras, nem mesmo no interior de cada região. (...) com a ênfase colocada no caráter cultural da surdez e com a compreensão de que os surdos são sujeitos que pertencem a uma minoria lingüística cultural, o debate da educação de surdos foi retirado do contexto da Educação Especial, fortemente marcada pela ênfase numa dimensão clínico-medicalizadora. Não quero dizer que a partir de 1960 os discursos clínicos tenham sido negados e excluídos da história surda, pois eles continuam até os dias de hoje fazendo investigações e ações de profilaxia. Entretanto, tais olhares médicos não entram no que chamamos hoje de Estudos Surdos (LOPES, 2007, p. 26).

Ao tratar da escrita de sinais, faz-se necessário falar um pouco de sua história. Pensando em história, é importante fazer uma ressalva sobre o quanto a escrita, para a humanidade, foi considerada como um elemento importante para perpetuar a história de um país. A escrita revela, marca fatos que podem ser “preservados”; por si só, escrever é deixar registrado. Podemos pensar que não se trata de “palavras ao vento”, e sim de palavras autorizadas por nós mesmos, escrevedores.

Muitas línguas consideradas ágrafas acabaram desaparecendo por essa “falta” de registro. Pensar nas questões da língua não abrange apenas a consideração de um idioma, mas também da cultura presente na língua.

A partir do exposto, passo a pensar na Escrita da Língua de Sinais como um dos elementos que marcam a “diferença” na Educação de Surdos. Bhabha (1998, p. 48) considera a necessidade de reconhecer

a força da escrita, sua metaforicidade e seus discurso retórico, como matriz produtiva que define o “social” e o torna disponível como objetivo da e para a ação. A textualidade não é simplesmente uma expressão ideológica de segunda ordem ou um sintoma verbal de um sujeito político pré-dado (...).

Nessa perspectiva, a escrita de sinais como “marca” da diferença passa a ser também uma construção cultural, possibilitando registrar desejos, sentimentos que não se apagam do papel – ela é uma função social para além do “capturável”.

a escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado, do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação (STUMPF, 2002, p. 63).

A humanidade soube da necessidade da imortalização da língua através da escrita.

Ao fazer a escolha pela temática desta pesquisa, em que falo na Escrita da Língua de Sinais, acredito ser necessário dedicar atenção à importância da escrita para a humanidade, destacando alguns acontecimentos que fazem parte da história da civilização, não de maneira linear, mas dando ênfase a alguns momentos que considero importantes, para entender as práticas discursivas como constituintes e produtoras da noção da escrita. Cabe ressaltar que, mesmo eu não sendo da área da linguística, percorrer essa trajetória é muito significativo para problematizar o estudo em questão.

A escrita como um meio de expressão emoldurou paredes. Desde os tempos primitivos, o homem buscou uma forma de expressar, de apreender a linguagem através de símbolos e de desenhos nas pedras. Tratar da escrita é pensar na história da civilização, tanto antes quanto depois de sua descoberta.

A escrita é um meio para que se mantenha vivo o legado de toda uma geração. É só lembrar fatos históricos que marcaram a história do homem e que

estão registrados em livros que passaram de geração em geração, imortalizando o que foi vivido em algum período do passado.

Diante disso, não poderia deixar de contar um fato que me ocorreu há alguns dias. Passei a viver numa cidade da fronteira do Estado do Rio Grande do Sul, São Borja, cidade esta com muitos nomes conhecidos no cenário da história da política nacional. Visitando os museus, percebi o quanto a escrita também marca a identidade, a autenticidade das pessoas. Essa observação deve-se ao fato de ter visto lá expostos bilhetes importantes utilizados para a comunicação, assinaturas de um ex-presidente, entre outras tantas preciosidades. É marcante e, aliás, muito tocante ver a escrita ali preservada para manter viva a história daquele sujeito.

Existem muitas formas de comunicação, como os tambores utilizados na África Ocidental, a utilização de cordinhas com nós para fazer o cálculo e outras maneiras de expressão. O que ocorre é que, mesmo com todos esses esforços de comunicação, a escrita marcou as civilizações, mas ela não é condição para pensar na evolução de povos que não possuem uma forma escrita.

No caso dos surdos, também não é diferente. Por muito tempo, a Língua de Sinais, circulou para hoje falarmos que ela existe em uma forma escrita. A existência de um código para escrever não significa que muitos a conhecem. Por exemplo, em um dos fóruns da Comunidade 1 (Figura 6), que utilizei para a análise dos dados desta pesquisa, um membro pertencente à comunidade não sabia do que se tratava, no entanto, é possível perceber sua curiosidade e interesse para aprender.

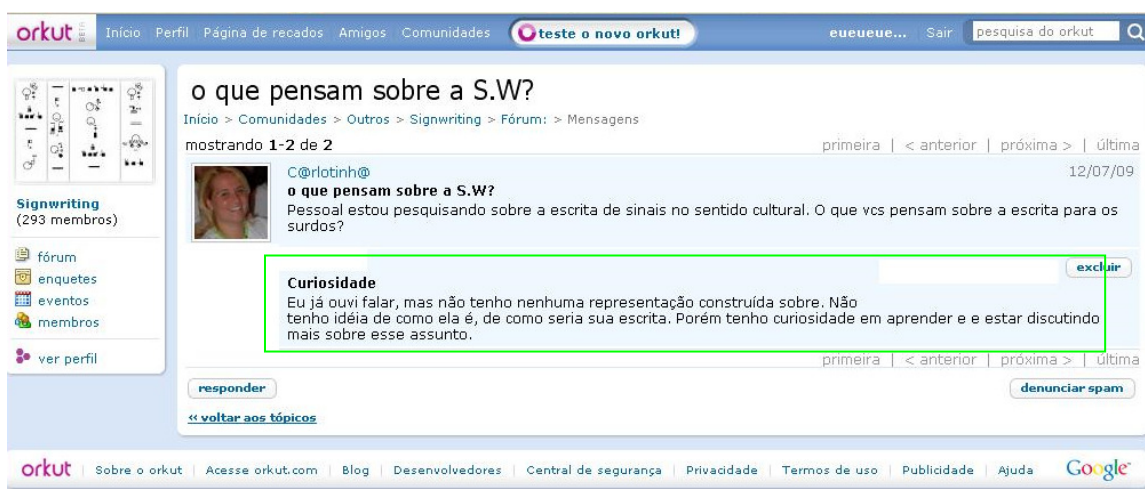


Figura 8 – Fórum “o que pensam sobre a S.W” - Curiosidade

Para que a escrita tenha sua funcionalidade, é preciso que o grupo de sinais tenha um sentido. Segundo Stumpf (2005, p. 45), “a escrita preenche funções específicas: comunicação à distância, fixar traços do passado, agendar atividades, anotar rapidamente, dispondo apenas de lápis e papel. A escrita exige um trabalho consciente e consiste numa tradução a partir dos sinais”.

A escrita é o meio de fixação da linguagem, sendo esta nova ou não, como o exemplo da escrita da Língua de Sinais, que para a grande maioria da população é desconhecida. Para o entendimento e utilização desse código escrito, é necessário que o usuário tenha conhecimento da Língua de Sinais. Ficam evidentes nos fóruns os discursos que tratam da importância da aprendizagem da escrita da L.S. como mais um elemento da cultura surda: “É importante aprender o SW” – Comunidade 1 (Figura 9). Diante desse emaranhado discursivo é que constituí a aprendizagem da Escrita da Língua de Sinais como categoria de análise. O tópico de discussão criado foi: é importante aprender o SW?

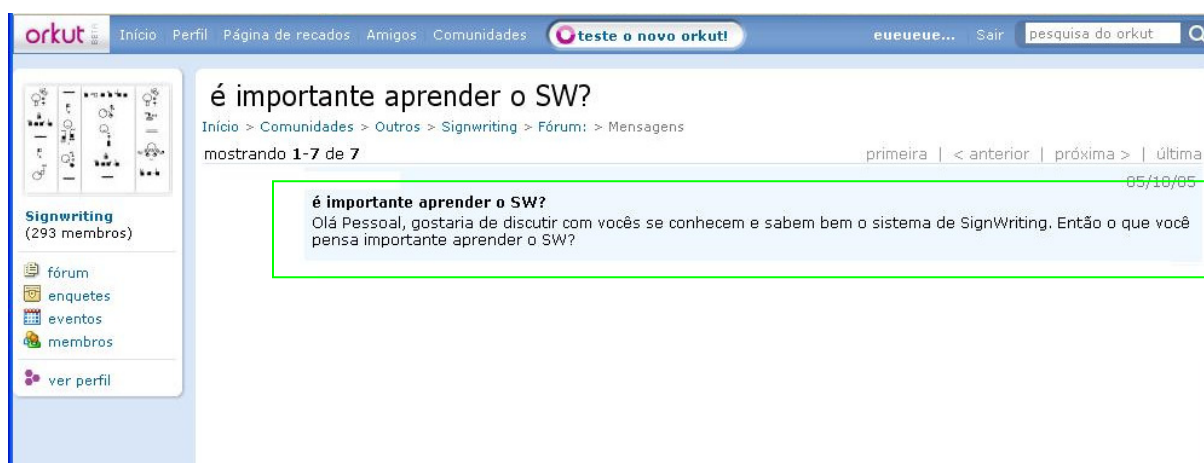


Figura 9 – Fórum “É importante aprender o SW?” – É importante aprender o SW?

Dentro desse tópico de discussão, chamou-me a atenção a resposta de um participante que utilizou o título: “sim importantíssimo” (Figura 10), o que destaca a importância da escrita como registro e também outras questões referentes à língua, como a sua utilização, pois quem tem contato com a escrita da Língua de Sinais sabe o quanto ela é cheia de detalhes, inclusive no sentido da experiência visual. Por mais que existam *softwares* para escrever a Língua de Sinais, o seu uso não se restringe à utilização no computador.

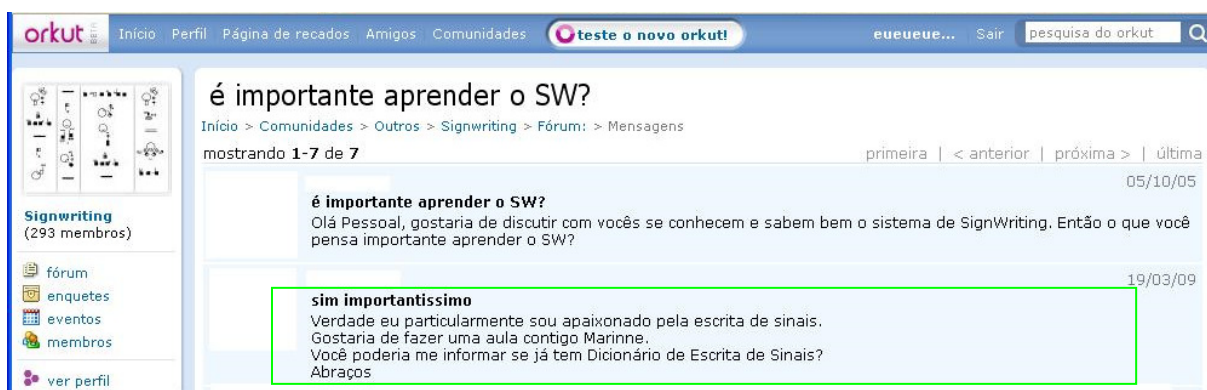


Figura 10 – Fórum “é importante aprender o SW?” – Sim importantíssimo

Faz-se necessário pensar na economia do sistema da escrita. Na defesa de qualificação do meu projeto de dissertação, uma componente da banca, professora Lodenir Karnopp, ressaltou essa questão. Num dos fóruns da Comunidade 1 (Figura 11), encontrei uma manifestação que descreve um pouco essa situação de economia do sistema de escrita. A participante da comunidade coloca suas dúvidas, claro que também por não conhecer, quanto ao número de informações que a Escrita da Língua de Sinais exige.

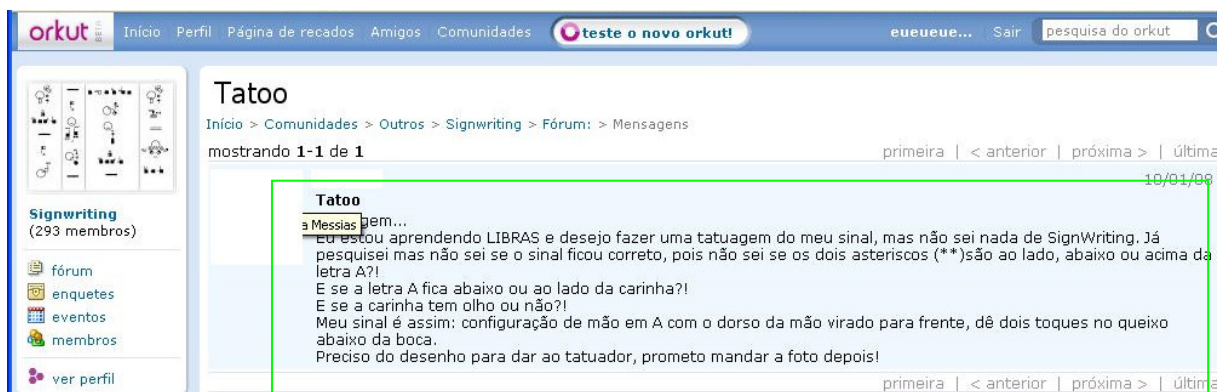
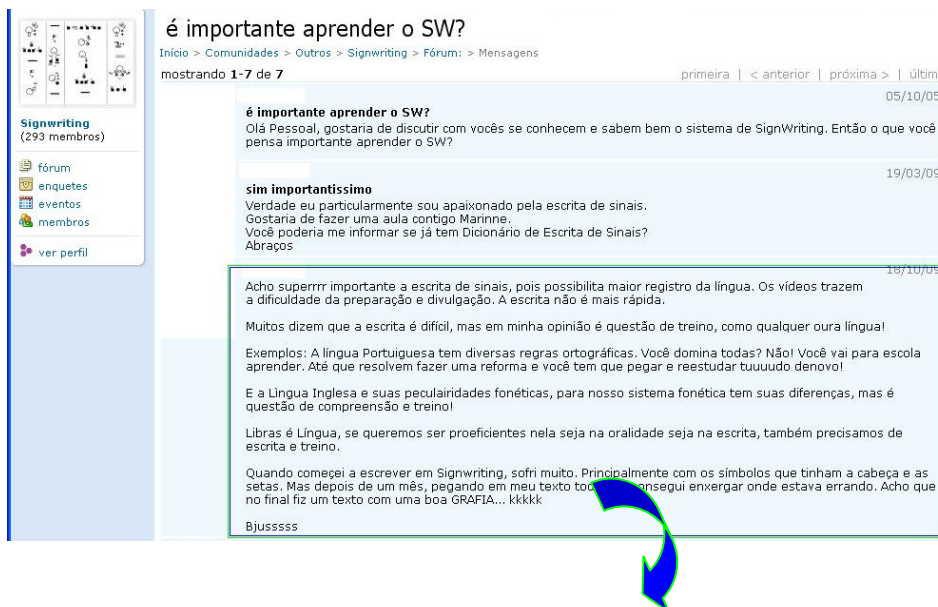


Figura 11 – Fórum “Tatoo” - Tatoo

Em geral, a escrita é utilizada para além do registro, mas na forma de comunicação e efetivação como um sistema ágil. Um sistema rico em detalhes, nessa perspectiva, passa a ser, inclusive, um entrave para a utilização dessa escrita, sem falar na questão primordial, que é o domínio da Língua de Sinais. Com isso, gostaria de deixar registrado que não estou tecendo um juízo de valores sobre a escrita de sinais, mas sim levantando questões que apareceram no decorrer do

estudo, até porque não está em jogo ou não a sua utilização. A escrita de sinais já é utilizada, mas isso não quer dizer que ela esteja concluída. Hoje, as questões da língua estão em movimento, e passamos por uma padronização ortográfica que não é muito diferente também de pensar a sistematização da escrita de um povo, no caso aqui, dos sujeitos surdos.

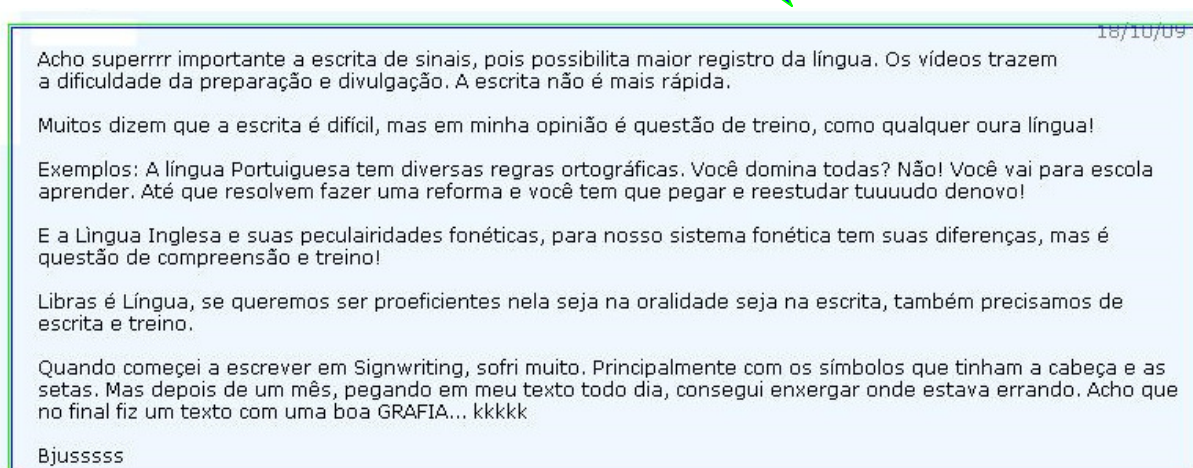


é importante aprender o SW?
Início > Comunidades > Outros > Signwriting > Fórum: > Mensagens
mostrando 1-7 de 7
primeira | < anterior | próxima > | última
05/10/05

é importante aprender o SW?
Olá Pessoal, gostaria de discutir com vocês se conhecem e sabem bem o sistema de SignWriting. Então o que você pensa importante aprender o SW?

sim importantíssimo
19/03/09
Verdade eu particularmente sou apaixonado pela escrita de sinais. Gostaria de fazer uma aula contigo Marinne. Você poderia me informar se já tem Dicionário de Escrita de Sinais? Abraços

18/10/09
Acho superrrr importante a escrita de sinais, pois possibilita maior registro da língua. Os vídeos trazem a dificuldade da preparação e divulgação. A escrita não é mais rápida.
Muitos dizem que a escrita é difícil, mas em minha opinião é questão de treino, como qualquer outra língua!
Exemplos: A língua Portuguesa tem diversas regras ortográficas. Você domina todas? Não! Você vai para escola aprender. Até que resolvem fazer uma reforma e você tem que pegar e reestudar tuuuudo de novo!
E a Língua Inglesa e suas peculiaridades fonéticas, para nosso sistema fonética tem suas diferenças, mas é questão de compreensão e treino!
Libras é Língua, se queremos ser proeficientes nela seja na oralidade seja na escrita, também precisamos de escrita e treino.
Quando comecei a escrever em Signwriting, sofri muito. Principalmente com os símbolos que tinham a cabeça e as setas. Mas depois de um mês, pegando em meu texto todo dia, consegui enxergar onde estava errando. Acho que no final fiz um texto com uma boa GRAFIA... kkkkk
Bjusssss



18/10/09
Acho superrrr importante a escrita de sinais, pois possibilita maior registro da língua. Os vídeos trazem a dificuldade da preparação e divulgação. A escrita não é mais rápida.
Muitos dizem que a escrita é difícil, mas em minha opinião é questão de treino, como qualquer outra língua!
Exemplos: A língua Portuguesa tem diversas regras ortográficas. Você domina todas? Não! Você vai para escola aprender. Até que resolvem fazer uma reforma e você tem que pegar e reestudar tuuuudo de novo!
E a Língua Inglesa e suas peculiaridades fonéticas, para nosso sistema fonética tem suas diferenças, mas é questão de compreensão e treino!
Libras é Língua, se queremos ser proeficientes nela seja na oralidade seja na escrita, também precisamos de escrita e treino.
Quando comecei a escrever em Signwriting, sofri muito. Principalmente com os símbolos que tinham a cabeça e as setas. Mas depois de um mês, pegando em meu texto todo dia, consegui enxergar onde estava errando. Acho que no final fiz um texto com uma boa GRAFIA... kkkkk
Bjusssss

Figura 12 – Destaque ao depoimento de um participante da Comunidade 1

Fala-se muito que, para escrever a língua de sinais, é preciso dominar a LIBRAS. Em uma obra sobre a história da escrita (História Concisa da Escrita), apresenta-se a possibilidade de se pensar que não é condição saber a língua para escrever no caso de ouvintes, mas que, se a língua e a escrita forem desconhecidas, o processo de significação ficaria mais complexo.

Para que haja escrita, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado ‘e’ em seguida é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada” (FÉVRIER, 1959 apud HIGOUNET, 2003, p. 11). A aquisição do símbolo e do esquematismo se faz por séries de desenvolvimento mais ou menos lento e acabado, segundo a mentalidade e a língua das sociedades em que são usados. Conservando apenas as grandes linhas, podemos distinguir entre as tentativas primitivas e nosso sistema alfabético três etapas essenciais: escritas sintéticas, analíticas e fonéticas.

Uma das primeiras formas de escrita é encontrada há mais de 5.500 anos na Mesopotâmia – os conhecidos ideogramas, sendo que, para se ter um significado, eram necessários muitos signos pictóricos. Mais tarde, a escrita é reconhecida com valores fonéticos, acarretando menos signos para o seu registro.

Quando se decompõe a palavra, há o surgimento do alfabeto. Os fenícios foram os primeiros a decodificar as palavras em sons e criar signos para representar. Sendo assim, a escrita passa a ser alfabética. Dessa descoberta, os demais alfabetos originaram-se, como no Egito, por exemplo.

No caso dos surdos, essa representação acaba por constituir-se como símbolo e signos de sua cultura a partir do momento em que a E.L.S. começa a ter um status linguístico. Nesse sentido, a Escrita da Língua de Sinais passa a ocupar o centro das discussões educacionais no momento em que pesquisas começam a se desenvolver sobre esse tema.

O SignWriting é um sistema de escrita desenvolvido para escrever língua de sinais que expressa seus principais parâmetros organizadores - movimentos, configuração de mãos, ponto de articulação e marcas não manuais. Esse sistema (SW) equivale, para as crianças surdas, à escrita alfabética para as crianças ouvintes, uma vez que representa a possibilidade de registro de sua língua natural. Muitos pesquisadores advogam a importância da aquisição desse sistema de escrita para as práticas de letramento das crianças surdas, inclusive facilitando sua aquisição da leitura e escrita alfabéticas. A escrita de Língua de Sinais é um recurso inovador que possibilita o estabelecimento de novas relações no processo de ensino e aprendizagem (www.libraselegal.com.br).

Valerie Sutton foi a criadora do SignWriting no ano de 1974. Na verdade, ela criou um método para escrever “danças” (imagem seguinte), interesse de

dinamarqueses que estavam em busca de uma forma de escrever a Língua de Sinais do seu país.

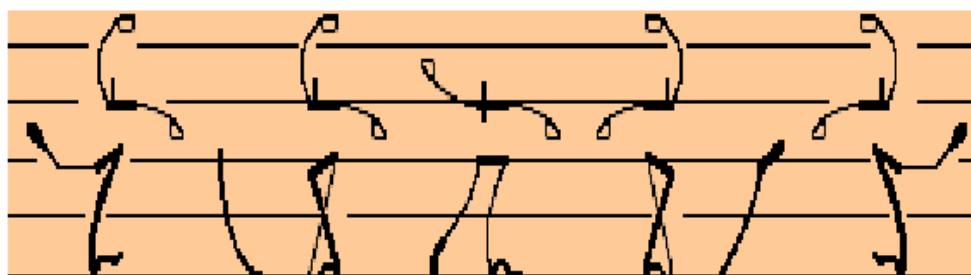
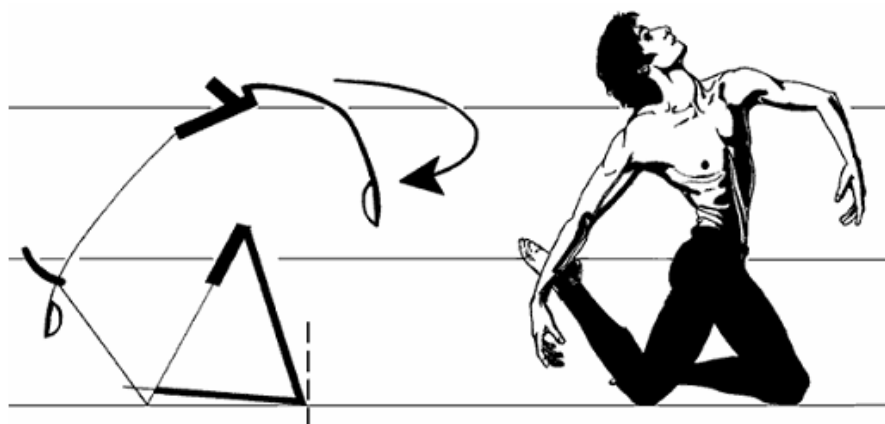


Figura 13 – Representação da dança em forma escrita⁵

A Dinamarca foi o primeiro país a escrever a Língua de Sinais, atraindo a atenção de outros países, uma vez que surge a possibilidade de utilizar sua escrita através do uso de computadores, o que contribui muito para a universalização dos sinais.

A Língua de Sinais Escrita pode representar qualquer língua de sinais do mundo, cabendo a cada país adaptá-la. A estrutura do SignWriting é composta por dez grupos de símbolos para as mãos. O sistema SignWriting é reconhecido por seus criadores como uma escrita alfabética. Boutora (2003) apud Stumpf (2008, p. 16) diz que:

⁵ Fonte: SUTTON, Valerie. **SignWriting: Manual**. [online] Disponível em: [http:// www.signwriting.org](http://www.signwriting.org). Acesso em: outubro de 2009. In STUMPF(2008).

Em um mesmo símbolo escrito, nós podemos encontrar informações lexicais e gramaticais. Ainda assim, notamos que o sistema comporta elementos ideográficos, como os sinais de pontuação, e que certos elementos gráficos de um símbolo se relacionam fortemente com o princípio ideográfico..

A Escrita da Língua de Sinais, no Rio Grande do Sul, passa a ser conhecida no ano de 1996 por meio do professor Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, na PUC-RS, que construiu um manual para escrever os sinais e, mais tarde, um dicionário. A professora surda Dra. Marianne Stumpf fazia parte do grupo de estudos do referido professor, que pesquisava a E.L.S. Nesse grupo, a professora Marianne coloca em movimento as pesquisas acerca do S.W. junto com alunos surdos, nesse caso, na Escola Especial Concórdia⁶, situada na cidade de Porto Alegre. Vale mencionar que a professora Marianne e o professor Antonio fizeram a primeira tradução do português para o S.W. do livro *Uma menina chamada Kauana*, de Karin Strobel (1995). A partir desses passos, outras escolas, como a Reinaldo Coser, do município de Santa Maria, aderiram ao ensino da Escrita de Sinais em seu currículo.

No período em que realizei a prática de estágio final do curso de Educação Especial, Habilitação Deficientes da Audiocomunicação, na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, havia a disciplina do S.W. A turma em que realizei meu estágio era 2º ciclo 1º de referência, onde a grande maioria dos alunos tinha interesse e facilidade nessa disciplina.

Como sabemos, as questões do ensino da língua estão para além do ensino em si da língua. Questões como a cultura, a origem, o porquê dessa língua eram os primeiros passos para legitimá-la no contexto pedagógico, salientando-se que a escrita se dá na vertical, e não na horizontal, o que marca a diferença entre a escrita de sinais e o português, como na figura abaixo:

⁶ O Colégio ULBRA Especial Concórdia na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil, é especializado na Educação de Surdos da Educação Infantil ao Ensino Médio. As aulas são ministradas em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), que é utilizada por todos os funcionários da escola (<http://www.ulbra.br/especialconcordia>).

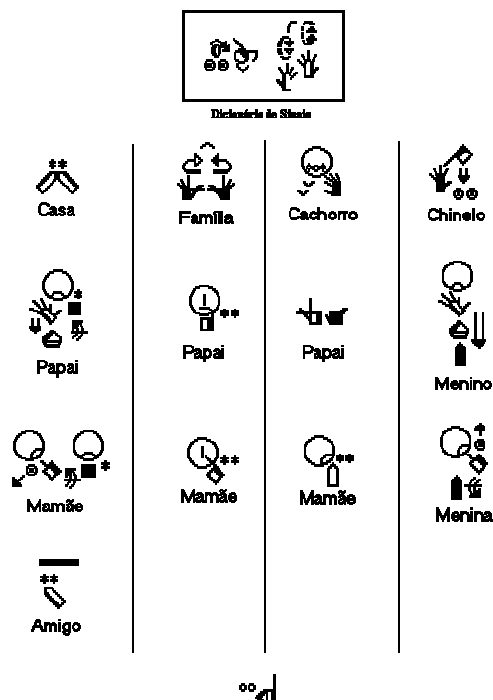


Figura 14 – Escrita da Língua de Sinais (diferença da escrita, que é vertical nesse caso da figura já que alguns usuários utilizam na horizontal também.)

O sistema SignWriting, que representa as unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações, tem como ponto de partida a língua de sinais dos surdos. É um sistema notacional de características gráficas esquemáticas, constituído de um rico repertório de elementos de representação das principais características gestuais das línguas de sinais. Ele representa unidades gestuais, e não unidades semânticas, por isso pode ser aplicado a qualquer língua de sinais dos surdos (STUMPF, 2004, p.147).

Penso que é importante ressaltar que trato a Escrita da Língua de Sinais, “colada” à Língua de Sinais, como um movimento “natural”. Com isso, pretendo esclarecer que não a percebo como uma ferramenta, suporte ou base para aquisição da Língua Portuguesa. Sabemos da importância da aquisição da Língua Portuguesa, no entanto, é importante marcar que os surdos podem aprender a ler e escrever na sua língua natural, para assim aprender uma segunda língua, que é o português, no caso, do Brasil.

Quando tratamos dos fracassos educacionais a que os surdos foram expostos, principalmente a partir de correntes filosóficas como o oralismo e a comunicação total, que evidenciavam a importância da língua falada e do português colado na estrutura da língua oral, percebemos o bilinguismo como uma filosofia que

reconhece a Libras, mostrando a capacidade dos surdos frente à utilização da Língua de Sinais. Wrigley (1996, p.43) marca que

muito do que está sendo contado com a “história dos Surdos” soa notavelmente como formas narrativas de história contada pelos Que Ouvem, nas quais apenas os nomes e detalhes do status dos que ouvem foram mudados. Pintar psichistórias de grandes homens lutando para obter um lugar na história das civilizações dos que ouvem tem pouco ou nada a ver com representar as circunstâncias históricas das pessoas Surdas vivendo à margem daquelas sociedades que ouvem. Esta história dos Surdos é uma decepção, simplesmente reinvocando e reescrevendo a dominação e exclusão, que têm mais frequentemente sido conhecida como os “marcadores” da experiência histórica das pessoas surdas.

Hoje, fala-se muito na filosofia bilíngue para a Educação de Surdos, mas será que existe a possibilidade de tratar a noção de bilinguismo somente com uso de duas línguas, sem problematizar as questões de identidades e culturas surdas? E agora, com a escrita da língua de sinais, como não falar nesse movimento de expressão cultural, no impacto da produção da cultura surda?

Acredito que o bilinguismo não se trata apenas do domínio ou não de duas línguas, mas sim do uso da língua como função social, ligada à vida, à cultura e à identidade de um povo, de uma comunidade. Como diz Mello (1999, p.27),

também a noção de língua está sujeita a um juízo de valores. Em decorrência da divisão política e econômica entre os povos do mundo, há uma tendência para considerarem algumas línguas ou variedades como superiores, enquanto outras são consideradas desprivilegiadas.

Os surdos, por um longo período, foram representados como sujeitos da falta, deficientes. Com o passar do tempo, produziram-se outros discursos e outras representações acerca desses sujeitos. Uma delas é a que entende os surdos como sujeitos culturais com uma língua própria: a Língua de Sinais.

Sabe-se que comunidades surdas são formas de fortalecimento das identidades surdas, principalmente no que diz respeito à Língua de Sinais, mesmo com os riscos da influência dos ouvintes.

É tão poderosa a força externa da sociedade ouvinte que a própria

estrutura da língua de sinais muda segundo padrões sintáticos ou gramaticais da língua oral. De fato, todas as línguas de sinais mostram interferências lingüísticas por constituir situações de línguas em contato (Skliar, 1999, p. 143).

Ao trazer esse olhar, pretendo não cair em binarismos, como normalidade/anormalidade, ouvintismo/surdez, branco/negro. Essas questões ligadas ao poder vêm abarcar questões atreladas à identidade e à cultura. As relações de poder atravessam e produzem diferentes formas de estar no mundo, o que, no caso da Educação de Surdos, não poderia deixar de se refletir na língua, ainda mais quando se trata de sujeitos que por muito tempo tiveram uma educação que não respeitava a sua língua natural. É preciso perceber as atitudes em relação às línguas envolvidas porque, na maioria dos casos de bilinguismo, há um conflito de duas culturas, pois os surdos possuem uma cultura diferente da cultura das pessoas ouvintes.

O SignWriting pode ser visto como um dos elementos que identificam o grupo de surdos de maneira mais significativa na pedagogia da diferença. Através dela, os sujeitos desenvolvem todas as competências linguísticas e cognitivas necessárias para a comunicação e aprendizagem. Dessa maneira, analisando fóruns das comunidades sobre S.W. da rede virtual Orkut, proponho pensar na escrita como um movimento de expressão cultural e de revitalização da cultura surda. Para isso, utilizo-me de um dos conceitos de Bhabha a respeito de diferença cultural:

quero chamar a atenção para o solo comum e o território perdido dos debates críticos contemporâneos. Isso porque todos eles reconhecem que o problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada. A cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações. Todavia, a realidade do limite ou texto limite da cultura é raramente teorizada fora das bem intencionadas polêmicas moralistas contra o preconceito e o estereótipo ou da asserção generalizadora do racismo individual ou institucional – isso descreve o efeito e não a estrutura do problema. A necessidade de pensar o limite da cultura como um problema da enunciação da diferença cultural é rejeitada (BHABHA, 1998, p.63).

2.2 Pedagogia Cultural Surda e Orkut

A cultura midiática faz parte do nosso cotidiano a ponto de nos constituir como sujeitos e está cada vez mais disseminada em nossas ações. O Orkut é um artefato cultural da contemporaneidade que experimentamos, experienciamos, à medida que nos embrenhamos nessa rede mundialmente conhecida e utilizada pelos brasileiros, que são quem mais acessa esse ambiente. Essa forma de comunicação e de interação criou novas oportunidades para os surdos marcarem seus espaços, potencializando a noção de pedagogia cultural e da diferença. Segundo Melo e Tosta (2008, p.11), “a mídia se estruturou de forma mais ágil, acompanhando os princípios da modernidade para atuar como um mosaico: informal, veloz, disperso”.

As práticas culturais, de certa forma, delineiam a pedagogia cultural. As comunidades para discussão da educação de surdos – no caso deste estudo, a Escrita da Língua de Sinais – passam a ser um “lugar virtual” de diálogo e de produção de subjetividades surdas. Ouso dizer que esse lugar está tomando configurações na mesma matriz das associações de surdos – lugares de muita riqueza discursiva que produziram e produzem importantes traços de identidades e culturas surdas.

Entender o Orkut como um artefato cultural é pensá-lo como elemento midiático que se constitui em nossas vidas como dispositivo de interação e regulação e também como possibilidade de “fuga”. Silva (2000, p. 18-19) diz que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis”.

Através da perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura passa a ser vista como uma pedagogia, e a pedagogia, como cultura, numa relação de mão dupla (SILVA, 2000). Isso significa que os discursos interpelados pelas práticas culturais estão profundamente conectados “com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral e das escolas, em particular, assim como das identidades e representações produzidas por estas práticas” (SILVEIRA, 2005, 198).

Pensando nas questões da cultura e no quanto somos subjetivados e inventados por ela, não poderia deixar de marcar aqui as questões da cultura surda

quando falamos em invenção.

a invenção da surdez como diferença primordial ganha status de verdade e de realidade quando começa a ser produzida nas narrativas surdas a partir de um entendimento que não é aquele marcado pelas práticas clínicas ou pela diferenciação entre deficientes e não-deficientes. A surdez é entendida como uma invenção quando a vemos como um traço/marca sobre o qual a diferença se estabelece produzindo parte de uma identidade; quando usamos para nos referirmos àquilo que não sou; quando ela é que mobiliza a formação de políticas de acessibilidade; quando ela começa a circular em diferentes grupos como uma bandeira de luta pelo reconhecimento daquele que se aproxima, antes de qualquer outra razão, porque compartilha de uma experiência comum (ser surdo) (LOPES, 2007, p.18).

Falar em diferença surda só tem sentido na abrangência da cultura. Entender a diferença cultural é narrá-la, vivê-la e traduzi-la em espaços como o Orkut, que viabilizam de forma dinâmica as trocas culturais, sem formatá-las, fixá-las, ou seja, sem defini-las, e sim experienciá-las.

Pensar sobre a surdez requer penetrar “no mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita (QUADROS, 1997, pg. 119).

CAPÍTULO 3. ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS - ESPAÇO DE TRADUÇÃO CULTURAL



Figura 15 – Fissuras

Fissura nos muros de proteção da comunidade se torna trivial com o aparecimento dos meios mecânicos de transporte, portadores de informação alternativa (ou pessoas cuja estranheza mesma é informação diferente e conflitante com o conhecimento internamente disponível) já podem em princípio viajar tão rápido, ou mais que as margens orais originárias do círculo da mobilidade humana “natural” (Bauman, 2003, p.18).

3.1 “Entre-lugar” - “aprendizagem”

Neste momento derradeiro, cabe explicar uma alteração no percurso. Em princípio, seriam duas categorias analíticas, o “entre-lugar” e a “aprendizagem”. Com o movimento de ir e vir, durante as análises, não consegui separar as duas categorias, pois, no momento em que estava em contato com os discursos, evidenciou-se que o “entre-lugar” e a “aprendizagem” estão colados. Apostei na possibilidade de pensá-las juntas, pois acredito que uma depende da outra, ou seja, são indissociáveis, são as duas faces da mesma moeda. Apoiar-me nessa proposta reforça a ideia de interstício.

A partir do entendimento de Bhabha sobre o entre-lugar, não posso deixar de falar dos espaços intersticiais, que são as separações de um espaço de outro.

É o Terceiro Espaço, que embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o

significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (BHABHA, 1998, p.67-68).

Isso me leva a pensar nesses espaços como fronteiras culturais, como, por exemplo, da cultura surda ou outras. A rede virtual amplia fronteiras, mas elas existem de qualquer forma, e por que existem? O que entendemos por fronteira? Bhabha que nos “ajude” neste momento para além de minha fronteira do entendível. Interessante pensar que fronteira, pelo menos em minha representação, dá ideia de “limite”, mas, com as leituras de Bhabha, sou levada a pensar que é justamente o inverso. É pela fronteira que encontrarei a riqueza, porque, ao chegar nela, encontro as brechas para pensar muitas das discussões em fóruns passíveis de percorrer por esse “entre-lugar”.

Para entender a diferença cultural, é preciso experienciá-la, aceitar e embrenhar-se nesses espaços, transgredir. Por que falo em diferença cultural? Por que não há como pensar diferente quando tratamos de educação de surdos?

A questão da tradução cultural remete ao movimento de pertencer a determinada cultura, no caso, a cultura surda. Quanto mais temos a noção de pertencimento, mais nos “entendemos”, mais “traduzimos” nossa cultura. O ato de tradução cultural dá-se através de “contínua transformação” para criar a noção de pertencer à cultura (BHABHA, 1998, p.324).

Muito do que é produzido e produtivo nas práticas discursivas ocorre nas fissuras, no movimento de ir e vir, nas negociações – penso que Bhabha se refere ao “entre-lugar”, entre o ver e interpretar.

Tomada por vários autores para pensar nessas questões acerca da Escrita da Língua de Sinais, não posso evitar, mesmo de forma ainda muito primária, trazer o que Bauman (2003) vem falando de “comunidade”. Ratifico que, ao analisar algumas comunidades na rede virtual Orkut, se torna interessante pensar como *comunidade* é entendida na perspectiva de Bauman.

Em primeira instância, fica clara a noção comum que temos de comunidade como um local de pertencimento, local de onde nos aproximamos, no caso do Orkut, por interesses comuns, o que de certo modo é acolhedor e até seguro. Mas as diferenças se sobressaem, e aqui me recordo do termo que Bhabha utiliza: *negociação*; já Bauman (2003, p.15) usa o termo *consenso*:

O consenso não é mais que um acordo alcançado por pessoas com opiniões essencialmente diferentes, um produto de negociações e compromissos difíceis, de muita disputa e contrariedade, e murros ocasionais.

Estamos em uma comunidade ou em comunidades, sejam elas reais ou virtuais, que nos aproximam, mas não nos igualam. A produção das diferenças, das subjetividades, é inerente a nós, seres humanos. Em tempos líquidos, procuramos “coisas comuns” para zelarmos pela ideia de pertencimento, mas não para velarmos e fecharmos os olhos para aquilo que nos distingue, nos marca e nos torna sujeitos produtivos. Nesse sentido, foi pertinente analisar fóruns de discussão para buscar compreender o que, nesta multifacetada realidade, entendemos por determinadas temáticas, como a Escrita da Língua de Sinais, hoje tão efêmera e peculiar na Educação de Surdos.

Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos. Isso não é razão para que deixemos de tentar (não deixaríamos nem se fosse uma boa razão). Mas serve para lembrar que nunca devemos acreditar que qualquer das sucessivas soluções transitórias não mereceria mais ponderação nem se beneficiaria de alguma outra correção. O melhor pode ser inimigo do bom, mas certamente o “perfeito” é um inimigo mortal dos dois (BAUMAM, 2003, p.11).

O que percebemos nesse “entre-lugar”? A escrita da Língua de Sinais será um “entre-lugar”? Essa busca por conhecimento, aprendizagem da língua escrita, faz-me pensar que, em algum momento, esse espaço de “busca” é o que mantém a ideia de interstício – ou seja, de uma fronteira inatingível, pois no momento em que vivenciamos a Escrita da Língua de Sinais estamos experienciando, produzindo e, por que não, traduzindo a cultura surda. Segundo as recorrências e singularidades discursivas apresentadas nos fóruns, percebe-se que esse é um lugar de aprendizagem, de curiosidade, de metodologias para quem sabe atravessar a fronteira e dizer: “sim, eu sei escrever a Língua de Sinais”. No entanto, ao afirmar isso, não quero finalizar e fechar as fissuras, mas cruzar as fronteiras, e é produtivo manter as diferenças discursivas também. Talvez seja por isso que a ideia de interstício é interessante, pois a tradução cultural ocorrerá na medida em que essas

práticas discursivas tomam forma no sentido de experiência de si de prática vivida e experienciada. Larrosa (1994) fala da experiência de si:

é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo [...] seria a correlação, em um corte espaço temporal concreto, entre domínios do saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação (p. 55, 56 e 57).

Abaixo, seguem duas respostas do fórum da Comunidade 1. Creio que a partir dessas duas respostas (Figura 16) é possível visualizar a ideia de movimento de ir e vir e tentativas de atravessar a fronteira.

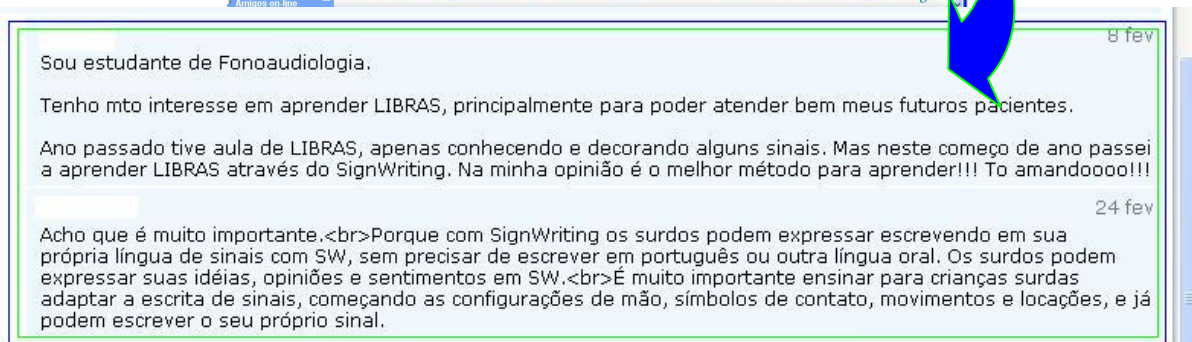


Figura 16 – Respostas ao Fórum “é importante aprender o SW?”

É interessante perceber também o quanto esse movimento de busca por conhecimento no sentido de aprender a Escrita da Língua de Sinais marca o sentido de aprender como um elemento cultural, pois, no fórum acima exposto, o sujeito enfatiza que *“os surdos podem expressar escrevendo em sua própria língua de sinais com SW, sem precisar de escrever em português ou outra língua oral...”*.

O que deve ser mapeado como um espaço internacional de realidades históricas descontínuas é, na verdade, o problema de significar as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural que estão inscritos no “entre-lugar”, na dissolução temporal que tece o texto “global”. É, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento, desintegrador, da enunciação – aquela disjunção repentina do presente – que torna possível a expressão do alcance global da cultura. E, paradoxalmente, é apenas através de uma estrutura de cisão e deslocamento (BHABHA, 1998, p.298).



Figura 17 – “Meu texto em Singwriting”

O fórum acima demonstra a ideia do deslocamento quando um participante disponibiliza um tópico de discussão: *“Meu texto em SignWriting”*. Esse exercício de deslocar-se para escrever em Escrita da Língua de Sinais, deixar registrado um fato importante em épocas de gripe suína, é muito interessante. Existe um movimento de dar uma notícia a partir da Escrita Surda, divulgando e mexendo com a ideia de sua existência e disseminação do uso.

NOTAS PARA CONTINUAR A PENSAR NA FRONTEIRA

Os hibridismos, as situações fronteiriças encontram-se instauradas no nosso cotidiano. Convivemos em um espaço no qual as fronteiras são constantemente deslocadas, fragilizadas e em que nossas identidades vão se configurando a partir de múltiplos repertórios. Esse cenário nos coloca diante de um território movediço, instável, onde a história se move em muitas direções, toda conclusão está atrevida pela incerteza (KLEIN e LUNARDI, 2006, p.9).

Nas fissuras de meu estudo, encontrei sem “fechar” ou atravessar, no sentido de transpor, algumas das minhas questões de pesquisa. É chegada a hora de “finalizar”, mas não pensando nisso como um final ou como uma porta que fecho; pelo contrário, este trabalho suscitou questões, enfrentamentos que procurei “materializar”. Porém, não me surpreende a sensação de desconforto, não no sentido de algo ruim, mas no sentido de que os “achados” são para o agora e não para um amanhã.

Muitas idas e vindas foram necessárias para chegar aqui, e não posso deixar de compartilhá-las com todos, pois esses movimentos é que deram, penso eu, certa coerência à minha pesquisa, quem sabe, “credibilidade” em épocas de falta, se é que isso não seria acreditar demais em meus processos de construção de pesquisa e engessá-los. Acima de tudo, esses processos foram pensados a partir de questões teóricas e práticas, ambas indissociáveis. Quando vivemos, experienciamos o que nos propomos. Esse fato é quase como líquido e certo. Espero que isso não soe como verdade.

As análises realizadas neste trabalho não têm nada a ver com juízo de valores; ao contrário, foram questões que me saltaram aos olhos a partir de minhas experiências para pensar na Escrita da Língua de Sinais, utilizando-me das comunidades que tratam dessa temática na rede virtual Orkut.

Práticas discursivas levaram-me a pensar que a necessidade de escrever a Língua de Sinais só passa a ter sentido a partir do momento em que penso na Escrita da Língua de Sinais como marca cultural surda. Independentemente ou não de sua existência em uma forma escrita, ou seja, de registro da Língua de Sinais, nessa modalidade ela já tem sentido e lugar.

A Língua, seja oral, escrita ou de sinais, por si só como forma de comunicação existe. Cabe lembrar que a Escrita coexiste com a Língua de Sinais, mas a comunidade surda não será mais ou menos reconhecida por haver uma forma de escrever a sua Língua, mas no entendimento da escrita como marca cultural. É

inegável a sua importância como forma de registro, mas muito mais como elemento cultural, como experiência visual, a Escrita da Língua de Sinais tem status na comunidade surda, mas não só no seu nível “lingüístico”, mas muito mais nos aspectos culturais.

A Escrita da Língua de Sinais ocupa um “lugar” de marcador cultural, de tradução cultural surda, pois retrata a diferença e experiência de ser surdo no sentido mesmo de disseminador de uma cultura, que se alicerça em conceitos como diferença e de experiência visual.

A partir deste estudo, não tem sentido pensar a Escrita da Língua de Sinais só da lógica do ensino da Língua Portuguesa, como, por exemplo, mais um ensino da Língua por si, sem falar nas questões fonéticas do ensino, que nesse caso não têm sentido. Vamos além de uma fronteira cultural, à medida que a Escrita da Língua de Sinais ocupa o seu lugar, seja em escolas ou espaços virtuais como o Orkut. Podemos pensar nela como artefato cultural, porque retrata e produz a cultura surda, inquietações e demarcações de fronteiras de ser surdo e resistir a uma cultura ouvintista. A escrita da Língua de Sinais está sendo significada nesse contexto da rede virtual Orkut, à medida que nos inserimos, traduzimos marcando a cultura surda.

Falar⁷ uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2006).

Dessa maneira, cheguei aqui com minhas impressões e olhares acerca da Escrita da Língua de Sinais tendo a ideia da complexidade de que é realizar uma pesquisa, que por muitas vezes desacomoda e inquieta. Esses movimentos são produtivos para chegar até aqui, sem o intuito de finalizar, mas continuar nessa busca.

⁷ Grifo meu, pois não é no sentido literal de falar, mas de uso da Língua.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. (Org.) **Educação & exclusão** – *Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial*. Editora Mediação. Porto Alegre. 1997.

_____. **Mal estar na modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COSTA, M. V.(Org.). Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, M.V.; VEIGA- NETO, A. (Orgs.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... 2. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

FISCHER, R.M.B. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1996.

_____. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Porto Alegre, n.114, novembro 2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>> Acesso em: 20 agosto. 2009.

FOUCAULT. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/bemvindo.html> Acesso em: 04/05/2009.

HALL, S. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997.

HIGOUNET, C. **História Concisa da Escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KLEIN, M. & LUNARDI, M. "Línguas de Sinais: Identidades e Processos Sociais". In: Revista etd educação temática digital Estudos ETD - Educação Temática Digital. Campinas, v.7. n.2, p. 14-23. Jun.2006.

LABORIT, E. **O Vôo da Gaivota**. Paris: Best Seller, 1994.

LARROSA, J. Tecnologias do eu. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação** - estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n.19, p.20-29, Jan/ abr, 2002.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MELLO, H. A. B. **O falar bilíngüe**. Goiânia – GO: Ed. da UFG, 1999.

MELO, J. M.; TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ORKUT. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut> > Acesso em: 10/07/09.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. Temas em Educação Especial IV, São Carlos, SP: EDUFSCAR, Disponível <http://www.sj.ifsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/pratica_ensino_educacao_surdos/texto22.pdf> Acesso em: 01 set. 2009.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

SABAT, R. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC. v.9, n.1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2001000100002> Acesso em: 02 set. 2009.

SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVEIRA, R. M. Discurso escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constroem a educação. In: SILVEIRA, R. M. (Org.) **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em educação. Canoas, RS: ULBRA, 2005.

_____. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o orkut. In: **Educação & cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Org. Luis Henrique Sommer e Maria Isabel Edelweiss Bujes- Canoas: Ed. Ulbra, 2006.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. (org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade. Tradução: Márcia Lise Lunardi. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v.24, nº 2,jul /dez,1999.

STUMPF, M. R. Transcrições de língua de sinais brasileira em signwriting. In: LODI, A. C. B; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L de; TESKE, O. (Orgs.) **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

_____. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M.C (Orgs.) **A invenção da Surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Língua de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: UFRGS, CINTED. PGIE, 2005.

_____.Disciplina Escrita de Sinais III. UFSC, 2008.

VEIGA- NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista . In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21(2) , jul dez, 1996.

_____. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V; VEIGA-NETO, A. (Orgs.) **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... 2 ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2004.

WRIGLEY, O. **Política da Surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.